

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Relações de Amizades em crianças com diagnóstico de
sobredotação**

Marisa Isabel Ferreira Carvalho

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**Relações de Amizades em crianças com diagnóstico de
sobredotação**

Marisa Isabel Ferreira Carvalho

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Cognitiva-Comportamental e Integrativa

Dissertação orientada pela Professora Doutora Sara Bahia

2014

Agradecimentos

Um especial agradecimento à professora Sara Bahia, pela sua total disponibilidade, pela sua transmissão de conhecimentos e por todo o carinho e ajuda que me acompanhou durante todo este processo.

À Dr^a Filipa Venâncio pela disponibilidade, interesse e apoio no processo de recolha de dados.

A todos os participantes em especial aos da ANEIS, por despendem do seu tempo num ambiente tão acolhedor e importante para eles.

À Sofia Lopes, por toda ajuda e companheirismo não apenas nesta fase, mas em todo este meu percurso académico.

À minha família, em especial à minha mãe por todo o esforço para me proporcionar estes 5 anos.

E por fim, ao Daniel Ribeiro por todo o amor, compreensão, esforço, companheirismo, dedicação e presença não só a este projecto mas em tudo na minha vida.

Resumo

Uma das necessidades universais é o estabelecimento de relações com os outros (Deci & Ryan, 2000). As relações de amizade são consideradas um elemento da vida do indivíduo que lhe promove bem-estar e felicidade. Os sobredotados possuem capacidades cognitivas superiores em relação à sua faixa etária, o que pode levar a conflitos no grupo de pares inserido. Segundo Gross (2001), quando a criança sobredotada se depara com ambientes que não são compatíveis com o seu modo de pensamento e funcionamento torna-se difícil corresponder às expectativas do seu grupo de pares de forma a criar uma relação de maior intimidade, lealdade e estabilidade nas amizades.

Face à importância da amizade na vida do indivíduo, e aos factores que podem dificultar o estabelecimento destas relações na população sobredotada, a presente investigação pretende compreender as expectativas e crenças das crianças e jovens com diagnóstico de sobredotação, bem como as dificuldades relativamente a relações de amizade e compará-las com um grupo de crianças sem diagnóstico de sobredotação.

A metodologia consistiu na aplicação de um questionário sobre expectativas e crenças de amizade e na análise de conteúdo de 12 entrevistas.

De uma forma geral, os sobredotados aparentam dar uma menor importância a crenças e expectativas (factores), que as crianças dão, em níveis de desenvolvimento da amizade menos maduros e apresentam maiores dificuldades em estabelecer relações de amizade comparativamente ao grupo sem diagnóstico.

Palavras-chave: sobredotação, amizade, factores de amizade.

Abstract

One of the universal needs is the establishment of relationships with others (Deci & Ryan, 2000). Friendly relations are considered an element of the life of the individual who promotes her welfare and happiness.

The above average cognitive abilities gifted, may lead to conflicts in their group of peers. According to Groos (2001), when the gifted child is faced with environments that are not compatible with their way of thinking and functioning, it becomes difficult to meet the expectations of their peer group in order to create a relationship of greater intimacy, loyalty and stability in friendships.

Given the importance of friendship in life, and the factors that may hinder the establishment of these relations in the gifted population, this research aims to understand the expectations and beliefs of children and young people with a diagnosis of giftedness, as well as difficulties with friendships and compare them with a group of children without such diagnosis.

The methodology consisted of analysis of a questionnaire about beliefs and expectations of friendship and content analysis of 12 interviews.

In general, gifted children appear to give less importance to beliefs and expectations (factors) corresponding to an immature level of development of friendship and present greater difficulties in establishing friendly relations compared to the group without diagnosis.

Keywords: giftedness, friendship, factors friendship

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
<i>Abstract</i>	iii
Introdução.....	1
Enquadramento teórico.....	3
Sobredotação e Inteligência.....	3
Em torno da definição da sobredotação.....	4
Características dos sobredotados.....	6
I. Características sócio-emocionais.....	8
Sobredotado e o mundo social.....	9
Relações de amizade.....	11
I. Influência do grupo de pares nas relações de amizade.....	11
II. Amizade em crianças sobredotadas.....	13
III. Concepção de amizade.....	14
Questões, Objectivos e Hipóteses.....	16
Metodologia.....	18
Participantes e contextos.....	19
Instrumentos.....	20
Procedimentos.....	21
Metodologias e tratamento de dados.....	21
Resultados.....	22
Análise Quantitativa.....	22
I. Análise das qualidades psicométricas.....	22
II. Comparação entre grupos.....	27
III. Análise dos dados totais face à exploração das amizades actuais.....	28
Análise qualitativa.....	31
I. Auto-caracterização dos participantes e das suas actividades.....	31
II. Ambiente escolar.....	33

III. Ambiente familiar.....	34
IV. Amizades actuais e conceito.....	35
Discussão e conclusão.....	40
Discussão.....	40
I. Serão os itens utilizados na investigação de Gross, na população australiana, adequados para um grupo de crianças portuguesas?.....	40
II. Existirá diferenças entre crianças e jovens com diagnóstico de sobredotação e sem diagnóstico, nos factores considerados importantes no estabelecimento de relações de amizade?.....	42
III. Crianças com diagnóstico de sobredotação apresentam expectativas e crenças de amizade diferente do esperado?.....	43
IV. Existem maiores dificuldades na população sobredotada no estabelecimento de relações de amizade? Quais as suas dificuldades?.....	44
Conclusão geral.....	47
Limitações da investigação.....	49
Implicações para a prática clínica.....	49
Referências.....	51
Anexos	

Introdução

Apesar da sociedade actual valorizar a excelência impondo padrões de sucesso e metas muitas vezes difíceis de alcançar, os sobredotados encontram nesta mesma sociedade um conjunto de obstáculos que podem inibir a plena expressão do seu potencial e dificultam a sua adaptação e bem-estar.

Uma das dificuldades mencionadas pela literatura é o estabelecimento de amizades (e.g. Gross, 2014). O estabelecimento de relações com os outros é, de acordo com a teoria da autodeterminação de Deci & Ryan (2000), uma das três necessidades universais, a par com a competência e a autonomia.

Através das amizades partilham-se interesses, desenvolve-se diferentes perspectivas sobre o mundo (Newman & Newman, 2012). No decurso do seu desenvolvimento os sobredotados apresentam com frequência alguma vulnerabilidade no estabelecimento e manutenção de amizades (e.g. Neihart, 1999). Este constrangimento pode dificultar a sua capacidade de adaptação a um mundo essencialmente relacional privando do desenvolvimento de competências interpessoais. No entanto, a investigação refere que a sua elevada capacidade intelectual proporciona-lhes competências e estratégias pessoais que permitem a superação desta dificuldade (Zeidner, Shani-Zinovich, Matthews, & Roberts, 2005).

A preocupação central da presente dissertação é compreender as expectativas e crenças de amizade das crianças e jovens com diagnóstico de sobredotação e compará-las com as perspectivas de crianças e jovens sem diagnóstico de sobredotação. Definiram-se como objectivos:

- 1- Desenvolver um instrumento de avaliação de expectativas e crenças de amizade e analisar as suas qualidades psicométricas;
- 2- Comparar os factores importantes para o estabelecimento de amizades de um grupo de crianças e jovens com diagnóstico de sobredotação com um grupo de crianças e jovens sem diagnóstico de sobredotação;
- 3- Analisar de forma compreensiva e exaustiva as perspectivas e crenças, e consequentemente as concepções de amizade de um grupo de crianças com diagnóstico de sobredotação;
- 4- Descrever as dificuldades percebidas por crianças e jovens com diagnóstico de sobredotação.

Estes objectivos têm como função responder às seguintes questões:

1. Serão os itens utilizados na investigação de Gross (2001), na população australiana, adequados para um grupo de crianças portuguesas?
2. Existirá diferenças entre crianças e jovens com diagnóstico de sobredotação e sem diagnóstico, nos factores considerados importantes no estabelecimento de relações de amizade?
3. Crianças com diagnóstico de sobredotação apresentaram expectativas e crenças de amizade diferente do esperado?
4. Existem maiores dificuldades na população sobredotada no estabelecimento de relações de amizade? Quais as suas dificuldades?

A metodologia utilizada para a persecução destes objectivos foi a aplicação de um questionário acerca dos factores de escolha para a formação de relações de amizade, aplicado a uma amostra de crianças e jovens com e sem diagnóstico de sobredotação. E uma entrevista semi-estruturada, para a avaliação de dificuldades e competências utilizadas nas relações de amizade a crianças com diagnóstico de sobredotação.

Sendo por fim, apresentado uma conclusão e discussão acerca dos resultados obtidos em função dos objectivos, bem como as implicações para a prática clínica, em identificar e compreender as dificuldades em estabelecer relações de amizade.

Enquadramento Teórico

Sobredotação e Inteligência

Numa primeira etapa no estudo da inteligência, quando existiam capacidades superiores, estas eram vista como estando presente em todas as áreas da vida do indivíduo. Contudo, Thurstone (1938) avança com o modelo Multifactorial da Inteligência, sugerindo que o factor g (inteligência geral) seria de segunda ordem, pois surgia pela relação entre factores primários, identificando sete capacidades mentais primárias (compreensão verbal, fluência verbal, factor numérico, factores espaciais, memória associativa, velocidade perceptiva e raciocínio) (Bahia & Oliveira, 2013).

Horn e Cattell (1966) propuseram que a inteligência geral seria constituída por dois componentes, pela inteligência fluída (diz respeito à capacidade biológica para detectar relações entre conceitos e resolver problemas de forma criativa) que depende do funcionamento do sistema nervoso central, e a inteligência cristalizada (conhecimento conceptual, capacidade aprendida para resolver problemas com base no conhecimento) que depende do ambiente e da cultura (Kaufman & Sternberg, 2008).

Sternberg (1977, 1984), aborda a inteligência como processo, atribuindo as diferenças individuais às diferenças no raciocínio lógico, defendendo uma abordagem do processamento de informação à inteligência. No seu modelo, explica o comportamento inteligente em situações reais, apresenta três subteorias da inteligência: a analítica, a criativa e a prática. A inteligência prática parece explicar a dimensão real e funcional da inteligência, tendo em conta os seus aspectos sociais e contextuais (Bahia, 2005). Uma das questões que se coloca é as discrepâncias entre a inteligência académica e prática, onde a inteligência prática relaciona-se com o sucesso na vida adulta e a académica relacionada com o valor do QI.

Gardner (1983) acrescenta ao modelo de Thurstone, outras variáveis como a criatividade, motivação, personalidade e contextos de vida social, elaborando a teoria das Inteligências Múltiplas. Conclui a existência de diferentes tipos de inteligências independentes, a inteligência verbal, matemática, musical, espacial, quinestésica (corporal-cinestésica), interpessoal e intrapessoal, naturalista e existencialista (ainda em consideração) (Kaufman & Sternberg, 2008). Assim a inteligência passou a ver vista, como a capacidade para resolver problemas, ou criar produtos, valorizados num ou mais contextos culturais (Gardner, 1985).

De acordo com os diferentes modelos, podemos colocar a questão se existem na realidade múltiplas inteligências ou se há uma inteligência que se expressa em múltiplos domínios do conhecimento (Bahia, 2005).

Em torno da definição da sobredotação

A par das diferentes visões acerca da inteligência, também o conceito de sobredotação foi evoluindo. O sobredotado passou a ser visto como um ser único em que as suas capacidades e desempenho num determinado domínio ou tarefa dependem não só das suas competências cognitivas, mas também de todo o seu meio envolvente.

Lewis Terman (1916), cria a Stanford-Binet Intelligence Scale, sendo este um dos primeiros testes na identificação de crianças sobredotadas. Em 1921, inicia um estudo longitudinal, considerado como o grande impulso no estudo da sobredotação, pois permitiu a inclusão de diferentes perspectivas do conceito, nomeadamente a saúde física e mental, sucesso escolar, traços de personalidade, interesse extra-escolares, origem social, atitudes referente à vida, sucesso profissional, mas dando ênfase ao elevado QI, que após este estudo passou a ser o critério mais usado para a identificação de sobredotação (Oliveira & Oliveira, 1999).

As diferentes perspectivas levou a que outros estudos fossem realizados, como o de Hollingworth (1942), em crianças com um QI altamente elevado (>180), que concluiu que estas percepcionavam a frequência à escola como perda de tempo, sentimentos de angústia face a problemas no sentido de vida e do mundo, como a presença de dificuldades no relacionamento social, levando ao isolamento e a comportamentos de oposição em reacção à autoridade (Alencar, 1986).

Actualmente, o Modelo dos Três Anéis, elaborado por Joseph S. Renzulli, é o mais consensual entre os entendidos da área. Este modelo defende a existência de três traços no indivíduo que propiciam as condições para o desenvolvimento da sobredotação. Os traços são a Aptidão acima da média (esta aptidão não tem que ser superior na sua generalização), Envolvimento na Tarefa (motivação num longo período de tempo numa tarefa ou área específica) e Criatividade (um talento, ou que revelem ser criativos na resolução de problemas ou em invenções), sendo a interacção entre as três necessárias para o desenvolvimento da sobredotação (Renzulli, 2011).

Mönks (1992) cria o Modelo Multifactorial da Sobredotação, que inclui o desenvolvimento da personalidade e a influência de factores ambientais (escola, família e colegas) em cada um dos traços identificados no modelo de Renzulli (Kaufman &

Sternberg, 2008), defendendo que o desenvolvimento do potencial de sobredotação depende em grande medida de um ambiente motivador (Fernandes., Mamede & Sousa, 2004). Assim, é visível o foco colocado em variáveis psicológicas e ambientais no desenvolvimento da sobredotação, e não apenas nas capacidades cognitivas como na fase inicial.

O Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento, de François Gagné, propõe a existência de 6 domínios de capacidade natural (intelectual, criativa, social, perceptivo, desenvolvimento muscular e controlo-motor) (Gagné, 2014). Defendendo, que é através do processo desenvolvimentista, de aprendizagem e treino informal e formal que se desenvolve o talento. Considerando as áreas académica, a arte, gestão, entretenimento, interacção social, desporto e tecnologia, como as competências sistematicamente desenvolvidas. O autor considera que variáveis como a oportunidade, ambiente e características intrapessoais como catalisadores de todo o processo, que facilitam ou dificultam o desenvolvimento de talentos e capacidades extraordinárias. Esses catalisadores estão presentes desde da infância, e até nas amizades, pois num estudo longitudinal de Jerome Kagan (1989), demonstra que as crianças desde muito cedo mostram o seu interesse ou desinteresse no envolvimento de diferentes actividades diárias como leitura, exercício físico ou jogos com amigos, influenciando depois o seu desempenho nestas áreas. Gagné (2014) define sobredotação como a posse e o uso de aptidões extraordinárias, inatas e expressas de forma espontânea em pelo menos um domínio, quanto ao talento, este considera-o como uma mestria extraordinária em aptidões ou competências desenvolvidas sistematicamente e em conhecimento, em pelo menos num campo de actividade humana. Tanto a sobredotação como o talento tem de colocar o individuo a um nível acima do percentil 90. Neste modelo é visível a flexibilidade do conceito sobredotação e de talento que dependem de uma base genética e de uma estrutura intelectual de base, que oferecem as aptidões naturais (Pessoa, 2011).

Olhando para as diferentes conceptualizações de sobredotação são encontradas características comuns, nomeadamente o $QI \geq 140$, a criatividade e as competências específicas (Cortizas, 2000). Percebe-se que à medida que a definição do conceito foi evoluindo, manteve a importância da transmissão genética para o desenvolvimento de talentos e capacidades superiores, mas também dos factores sociais e emocionais, na medida em que criam ambientes favoráveis para que a criança tenha oportunidade de desenvolver as suas capacidades.

Características dos sobredotados

Ao longo dos anos foi ficando visível a existência de características típicas na população sobredotada para além, das capacidades cognitivas.

Terman na década de 20, chamou a atenção para outras características dos sobredotados, nomeadamente dos seus traços físicos, intelectuais e de personalidade, bem como o tipo de adultos que estes poderiam ser, iniciando um estudo que debruçava-se sobre estas questões. Quanto aos traços de personalidade, no estudo encontraram a persistência, autoconfiança, ausência de sentimentos de inferioridade e integração com relação a metas. Contudo, também foram encontrados sujeitos descontentes consigo e com sentimentos negativos em relação a si. Assim, verificou-se que para a existência de um desempenho superior, para além das capacidades intelectuais, também é necessário características da personalidade que facilitem esse desempenho (Alencar, 1986).

No domínio cognitivo e académico é frequente encontrarmos as seguintes características na população com diagnóstico de sobredotação: fácil entendimento intelectual dos problemas e instruções; elevada capacidade de atenção, observação e memória; desejo de aprender mais e mais rápido; elevada capacidade de raciocínio lógico e abstracto; fácil relacionamento de informação e de resolução de problemas; percepção e apreciação crítica de ideias, pessoas e acontecimentos; criatividade; curiosidade, questionamento e espírito investigativo; motivação intrínseca pela aprendizagem; preferência pela complexidade, pouco interesse por tarefas fáceis ou rotineiras; forte capacidade de generalização e de transferência de conhecimentos; elevadas habilidades metacognitivas; aquisição rápida de linguagem oral e de leitura e autonomia na aprendizagem (Clark, 1992; Lubart, 2006; Porter, 1999 tal como citado por Bahia & Oliveira, 2013).

São ainda identificadas por diversos autores características como: um QI elevado e sucesso escolar; pensamento intuitivo e produtivo; imaginação e fantasias apuradas; originalidade; curiosidade; abundância de ideias; poder de síntese; vocabulário rico; capacidade de liderança e ainda talento desenvolvido para alguma arte (visual, musical, dramática) ou elevadas capacidades psico-motoras (atletismo, desporto em geral, habilidades mecânicas, etc) (Oliveira & Oliveira, 1999). Também são apresentadas características efectivo-emocionais e personológicas como: persistência na tarefa, esforço, auto-confiança, ausência de sentimentos de inferioridade, variedade de

interesses, independência, auto-suficiência, sentido de humor, boa integração social e sensibilidade às injustiças (Oliveira & Oliveira, 1999).

Contudo, estas características são variáveis na medida em que são influenciadas pelos diferentes ambientes, capacidades intelectuais, traços de personalidade e desempenho, sendo cada indivíduo único.

Segundo Terrassier (1985), o sobredotado depara-se com algumas dificuldades devido a Dissincronias Evolutivas, referente a disparidades entre o seu desenvolvimento intelectual (sendo superior à faixa etária) e outras áreas que evoluem de forma normativa, nomeadamente a emocional e motora. A dessincronia afectiva-intelectual diz respeito às crianças sobredotada terem capacidade de levantar questões morais ou éticas de acordo com o seu desenvolvimento cognitivo, contudo pode não ter maturidade emocional para conseguir lidar de forma saudável com essas questões, ou poderá utilizar as competências cognitivas pensando nas questões de forma racional controlando as emoções. Também é visível, estas dissincronias nos relacionamentos, podendo ter como consequência o efeito pigmaleão negativo, que consiste nas expectativas que os pais e professores tem sobre a criança e jovem poderem influenciar os seus resultados escolares, nomeadamente quando estes esperam resultados superiores aos obtidos, podendo a criança sofrer represálias face aos resultados não corresponderem ao esperado. Mas também com os colegas que muitas vezes podem marginalizá-los e castigá-los, através de atitudes escondidas ou manifestas (Oliveira & Oliveira, 1999).

O desenvolvimento precoce e brilhante da inteligência pode coabitar com retardamento e imaturidade afectivo-emotiva, podendo o sobredotado ser dominado pela ansiedade e por medos, compensado e escondendo muitas vezes a sua maturidade (Oliveira & Oliveira, 1999).

Perante as dificuldades que os sobredotados se deparam nas suas interacções, estas podem levar a dificuldades como: aborrecer-se na escola mais do que os colegas; vítima de segregação social; pressão dos pais, professores e dos colegas; dificuldade em obedecer e atitude crítica; aversão à rotina e à repetição; necessidade de sucesso; tendência à solidão, medo de ser diferente dos outros e medo da vida e da morte (Oliveira & Oliveira, 1999).

O seu desenvolvimento cognitivo leva a que tenham características diferentes do seu grupo de pares pode ter influência na área social e emocional, criando dificuldades à criança ou jovem no seu meio ambiente e nas suas interacções.

I. Características Socio-Emocionais

Apesar das características emocionais e sociais nos sobredotados serem alvo de uma atenção diminuída relativamente a áreas cognitivas, a verdade é que nos estudos existente os resultados são na maioria das vezes divergentes. Gross (2010) afirma que os sobredotados não diferem só do seu grupo de pares a nível cognitivo mas também no seu desenvolvimento social e emocional.

Actualmente, podemos considerar a presença de três tendências sobre o desenvolvimento emocional nos sobredotados: existência de um ajustamento emocional acima da média, dificuldades a nível emocional e igualdade no bem-estar emocional dos sobredotados em relação aos não sobredotados (Bahia & Trindade, 2012).

As capacidades cognitivas gerais podem ser indicadores de uma maior inteligência emocional (Zeidner, Shani-Zinovich, Matthews, & Roberts, 2005; cit por Bahia & Trindade, 2012), contudo é importante ter em consideração que o desempenho emocional que o sobredotado demonstra, depende da confluência de vários factores multidimensional (por exemplo, grau de sobredotação, características pessoais e a satisfação de necessidades específicas) e da sua dinâmica (Bahia & Trindade, 2012).

O grau de sobredotação tem sido comparado com o desempenho social e emocional, sendo apresentado em alguns estudos em que o QI de 180 (extremamente elevado), é visível uma maior dificuldade do que em QI entre os 130 e 170 (Alencar, 2007). Num estudo de Hollingworth (1942), realizado a crianças com um QI igual ou superior a 180, estes constatou 3 dificuldades: ausência de comportamentos adequados no âmbito escolar (alunos pouco empenhados, distraídos devido ao desinteresse na matéria), dificuldade nas relações sociais (revelavam empenho no estabelecimento de amizades, contudo esta era dificultada pela ausência de interesses comuns com o grupo de pares, levando ao isolamento) e vulnerabilidade emocional (envolvem-se em questões éticas e filosóficas precocemente não tendo por vezes ainda capacidades para lidar com elas). Contudo, quando estas crianças interagem com pares com as mesmas capacidades cognitivas estas dificuldades alteravam-se (Alencar, 2007). Confirmando a influência de factores ambientais no desempenho social e emocional da criança sobredotada.

Segundo Gross (2014), existem características afectivas, que estão presentes em crianças sobredotadas como: início precoce de atitudes e necessidades presentes na adolescência (sentido de identidade, autonomia, necessidade de relações de amizades

próximas de confiança e sensibilidade); preferências em companhia de indivíduos mais velhos, normalmente procuram crianças com o mesmo nível cognitivo e emocional; capacidades de empatia relativamente a emoções vivenciadas pelos outros, levando por vezes ao sofrimento, sendo considerado pelos outros como sinal de imaturidade; elevado sentido de humor, por vezes não correspondido pelos outros; emoções vividas com intensidade, por vezes não sendo compreendidos quando expressões intensas das emoções; preocupações precoces sobre questões morais, étnicas e religiosas, sendo por vezes ridicularizada e rejeitada por partes dos pares que não partilham as mesmas preocupações; perfeccionismo, face a áreas de interesse; perspicácia quanto ao estabelecimento de relações, preferindo relações de amizade, mesmo que sejam em número reduzido, em vez de muitos amigos casuais; e por fim, preferência em brincar ou jogar com crianças mais velhas, o que por vezes em contexto escolar torna-se uma dificuldade pois as crianças são influenciadas a brincar com os seus pares não podendo brincar com outras mais velhas.

Quanto à característica competitiva, muitas vezes atribuída aos sobredotados, estas na maioria não são direccionadas ao seu grupo etário, mas sim a si próprio, nomeadamente na constante procura de tarefas desafiantes para si, sendo a sua motivação intrínseca e não extrínseca (Gross, 2014).

O sobredotado e o Mundo Social

Desde muito cedo, o mundo social do sobredotado despertou interesse nos investigadores, muitos estudos foram feitos e percebeu-se que não é apenas a nível cognitivo que estes apresentam um comportamento superior à sua faixa etária, mas também na área social nomeadamente em padrões de amizade, interesses de lazer, conhecimento social, comportamento e personalidade, que pode não se verificar em todos os sobredotados (Robinson, 2008).

Contudo, as características cognitivas, como a inteligência elevada, raciocínio abstracto avançado, pensamento crítico superior, não tornam o sobredotado imune a dificuldades de ordem emocional e social (Alencar, 2014).

Muitos são os mitos em torno da sobredotação, Tourón e Reyero (2000), identificam as seguintes ideias como erradas: sujeitos sobredotados apresentam capacidades superiores nos seus recursos intelectuais, sociais e personalidade, que permitem o desenvolvimento destas áreas apenas com base nesses recursos; e crianças

sobredotadas adaptam-se melhor, são mais populares e felizes que as crianças com capacidades médias. Estes mitos, não tem em conta o meio ambiente em que criança vive, nem as suas necessidades individuais, tendo apenas por base que as suas capacidades cognitivas superiores tornaram-na superior em todos os níveis, o que na maioria das vezes não se verifica.

Segundo Winner (1996) um dos mitos da sobredotação é que a criança sobredotada constitui um modelo de saúde psicológica e de boa adaptação social, sendo referido pela autora, que muitas vezes estas crianças são ridicularizadas por terem interesses diferentes e por possuir uma acumulação de informações superiores aos das outras crianças da mesma faixa etária, acabando por ser pouco sociável e bastante solitária podendo levar à depressão.

Visto a criança sobredotada ter capacidades superiores aos colegas da sua idade, isso também influencia os seus interesses e comportamento, o que por vezes no meio social não são aceites. O sub-rendimento está relacionado com diversos factores que levam a que a criança sobredotada apresente um desempenho inferior às suas competências, sendo que a necessidade de ser aceite é uma dos factores individuais que podem levar a esta discrepância (Alencar, 2014).

Assim, a criança sobredotada deparasse diversas vezes com problemas no seu meio social, nomeadamente as crianças que apresentam um valor muito elevado de QI (altamente inteligente) apresentam maiores dificuldades a nível social (Alencar, 1986). Muitos são os estudos que revelam diferenças nas competências sociais e emocionais do sobredotado mediante o valor do QI. Hollingworth (1942) define um QI de 125 a 155, como sendo a “inteligência socialmente óptima”, pois encontrou evidências que crianças com um QI entre estes valores apresentavam eficácia nas suas relações com os pares, enquanto crianças com um QI acima de 160, apresentavam diversas dificuldades no relacionamento social, devido à grande diferença que existe entre si e o seu grupo de pares, sendo afirmado pelo autor que estas dificuldades sociais, não se deve ao próprio, mas sim do grupo de pares não partilhar os mesmos interesses e capacidade (Gross, 1999; Gross, 2001).

Assim, as dificuldades no estabelecimento de relações sociais dos sobredotados parecem estar ligadas às suas capacidades cognitivas, contudo existem factores ambientais que podem facilitar ou dificultar a qualidade dessas relações.

Relações de Amizade

Estabelecimento de relações de amizade, é muito benéfico e importante para um bom desenvolvimento da criança. Trazendo vantagens sociais permitindo a integração social do indivíduo. É possível identificar três contributos da amizade para o desenvolvimento social, nomeadamente a valorização de diferentes pontos de vista no grupo de pares, sensibilidade às normas sociais e às pressões do seu grupo de pares e ao valor da proximidade emocional (Newman & Newman, 2012).

Segundo a APA (2010) a amizade consiste numa relação voluntária entre duas ou mais pessoas que é relativamente duradoura e na qual os envolvidos tendem a se preocupar com a satisfação das necessidades e interesses dos outros assim como satisfazer seus próprios desejos. Costumam-se desenvolver por meio de experiências comuns em que as pessoas envolvidas aprendem que a sua ligação uma com a outra é mutuamente significativa (APA, 2010).

Relações de amizade são consideradas como uma das tarefas de desenvolvimento entre os 6 e os 11 anos de idade, onde a criança começa a interagir com diferentes pessoas e não apenas com o ambiente familiar (e.g. Newmn & Newman, 2012). A durabilidade dessas relações é muito variável de indivíduo para indivíduo, mas também é influenciada pelo ambiente, sendo que o ambiente escolar, familiar e de actividades extra curriculares podem contribuir para o estabelecimento de relações mais estáveis ao longo do tempo.

I. Influência do grupo de pares nas relações de amizade

A interacção com o grupo de pares é muito importante para o desenvolvimento da criança, pois com a interacção constante com os seus pares, promove um desenvolvimento de competências cognitivas sociais, nomeadamente resolução de problemas interpessoais, processamento de informação e competências de comunicação, que depois facilitam a integração no grupo. A interacção com os outros leva a que a criança afaste-se da sua perspectiva egocêntrica, experienciando perspectivas diferentes das suas, levando a um desenvolvimento de capacidades de analisar problemas sociais, empatia com o estado emocional do outro, entender que os outros interpretam situações de forma diferente da sua e levam à aceitação da personalidade do outro (Newman & Newman, 2012).

Quando aceitam e percebem que os outros têm perspectivas diferentes da sua, é-lhe possível confiar mais nos outros, e assim criar mais relações de amizade (Newman & Newman, 2012). Assim, as capacidades cognitivas do indivíduo são desenvolvidas e melhoradas com a interacção com o grupo de pares, mas depois essas capacidades permitem melhorar a integração social, levando o indivíduo a formar relações mais confiáveis.

A aceitação no grupo de pares numa primeira fase é percebida, pela conformidade de comportamentos dos elementos do grupo (Newman & Newman, 2012). A criança muitas vezes aprende a vestir-se, a falar e a brincar de forma a serem aceites, e também a inibir reacções ou comportamentos, como a tristeza, vulnerabilidade e raiva que não seriam aceites pelo grupo (Salisch, 2001). Contudo, é importante enfatizar que a aceitação no grupo de pares não é a amizade, pois esta implica um relacionamento mais íntimo, onde está presente a confiança, apoio e uma comunicação íntima. Sendo que, uma inibição dos seus interesses, competências e identidade, não promove o estabelecimento de relações de amizade sinceras, verdadeiras e confiáveis que são importantes para a criação de uma amizade íntima (Gross, 1998).

Contudo, quando a criança não é aceite pelo grupo de pares, é rejeitada, esta experiência sentimentos de solidão que influenciam as suas interacções sociais, principalmente no ambiente escolar, onde pode existir timidez, ansiedade social e vitimização no grupo de pares, levando a uma baixa auto-estima. O sentimento de não pertencer e não ser aceite pelo grupo leva a sentimentos de solidão e ansiedade, a criança tem dificuldades em estabelecer amizades onde exista proximidade emocional e companheirismo. Uma rejeição sistemática por parte dos pares leva ao aumento da solidão e à antecipação dessa rejeição, que dificulta a iniciativa em estabelecer relações com os pares.

As relações de amizade parecem contribuir para que a criança não se sinta solitária e consequentemente para o aumento do bem-estar. Crianças, com pelo menos uma amizade duradoura, estável e com qualidade têm menos probabilidade de experienciar sentimentos de solidão (Nangle, Erdley, Newman, Mason & Carpenter, 2003).

Quando a criança se sente rejeitada, sente-se frustrada em relação a duas necessidades básicas, a necessidade de controlo e de pertença. Muitas vezes lidam com

essa frustração ao evitarem interações sociais ou a terem comportamentos agressivos para sentirem que tem o controlo da situação.

II. A amizade em crianças sobredotadas

Segundo Gross (2001), quando a criança sobredotada se depara com ambientes que não são compatíveis com o seu modo de pensamento e funcionamento, uma das questões sociais que podem aparecer é a dificuldade em corresponder às expectativas dos seus pares de forma a criar uma relação de maior intimidade, lealdade e estabilidade nas amizades, pois a criança sobredotada procura amigos com que possa partilhar a sua noção de amizade que na maioria das vezes corresponde a uma partilha de sentimentos, preocupações, segredos bem como de triunfos; auxiliando-se mutuamente e mantendo essa relação de amizade a longo prazo (Robinson, 2008).

Assim pode-se afirmar que existe uma relação entre a amizade e o desenvolvimento cognitivo, sendo que uma criança não consegue ser ou ter verdadeiros amigos enquanto não atingir a maturidade cognitiva para considerar pontos de vista e necessidades dos outros, bem como as suas (Papalia, 2002).

Segundo Gross (2001), não é apenas as capacidades cognitivas que influenciam as escolhas de amizade. A idade mental (e não a cronológica) influencia essa escolha como vimos anteriormente, onde percebemos que os estabelecimentos de relações de amizade dependem da fase de desenvolvimento do indivíduo, levando os sobredotados a procurarem amigos em crianças com idades superiores às suas. O início das comparações sociais, onde as suas realizações, ideias e interesses são comparados a outras crianças. Semelhanças nas preferências e gostos pelas brincadeiras, estes interesses são influenciados pelo desenvolvimento cognitivo, o que leva a que as crianças sobredotadas tenham interesses diferentes dos colegas da sua idade, tornando-se uma dificuldade. Semelhança de interesses na leitura, que na maioria dos sobredotados preferem livros de ficção ou crónicas, onde vêem o crescimento de uma personagem para a maturidade moral ou vêem conflitos entre o bem e o mal. Capacidade de distinguir entre popularidade e amizade, onde as crianças sobredotadas em comparação com a sua faixa etária deixam precocemente de dar importância a comportamentos que levem à popularidade (ter muitos colegas, dependência dos pares, conformidade com as normas e rotinas dos pares), procurando mais cedo manter relações com um círculo menor de amigos e demonstram ter mais funções de amizade,

como companheiros, estímulo, intimidade e afirmação (Gottman & Parker, 1986, cit p Gross, 2001).

Tendo em conta todos os factores expostos anteriormente como tendo influencia nas escolhas de amizade, parece-me possível afirmar que estas são influenciadas pelo nível de desenvolvimento cognitivo, sugerindo assim essa diferença como a principal causa das dificuldades dos sobredotados no estabelecimento de relações de amizade.

III. Concepção de Amizade

Com base numa perspectiva desenvolvimentista, Robert Selman (1980) elaborou os Estádios da Amizade, parcialmente sobreponíveis, que descrevia a mudança e a evolução nas concepções de amizade. O desenvolvimento das concepções tem uma estrutura que lhe está subjacente, que é a tomada de perspectiva social sendo composta por cinco estádios, que reflecte a evolução da perspectiva que o individuo tem da interacção social, iniciando por uma perspectiva meramente do seu ponto de vista, passando para uma compreensão do ponto de vista do outro e consecutivamente para uma 3ª perspectiva permitindo que este se abstraia da sua e da perspectiva do outro e reflecta sobre as consequências da suas acções (Soares & Campos, 1986). De seguida descrevo os cinco estádios da concepção de amizade de Selman (1980):

O estágio 0 intitula-se Grupo Momentâneo de Brincadeira e ocorre entre os 3 e os 7 anos. Nesta fase a amizade ainda é indiferenciada, e as crianças são egocêntricas, tendo dificuldade em considerar a perspectiva de outras pessoas, pensando apenas no que pretendem conseguir com aquela relação. No início desta fase as crianças definem os amigos mediante a proximidade física e valoriza-os por atributos materiais ou físicos.

O estágio 1, denominado de Apoio unidireccional, está presente na faixa etária entre os 4 e os 9 anos de idade, onde para a criança um amigo ou “bom amigo”, é aquele que faz o que a criança quer que faça.

O estágio 2, denomina-se de Cooperação leal e bidireccional, encontra-se compreendido entre os 6 e os 12 anos (sobrepondo-se ao estágio 1). Neste estágio existe reciprocidade, envolvendo dar e receber na relação de amizade, contudo permanecem muitos interesses pessoais independentes no lugar de interesses comuns dos dois amigos.

O estágio 3, das Relações íntimas e mutuamente partilhadas, corresponde à idade entre os 9 e os 15 anos. Neste estágio a criança vê a amizade como tendo vida própria.

Trata-se de um nível mútuo, a relação de amizade é uma relação em curso, sistemática e comprometida que incorpora mais do que fazer coisas um ao outro, aqui os amigos passam a ser possessivos e exigem exclusividade.

O último estágio (estádio 4), denominado de Interdependência Autônoma, tem início aos 12 anos e prolonga-se ao longo da vida. Esta é uma fase de interdependência, onde o indivíduo respeita as necessidades tanto de dependência como de autonomia dos amigos.

Com base nas concepções de amizade de Selman, Gross (2001) realizou um estudo com crianças em idade escolar (entre os 5 e os 12 anos), comparando as concepções de amizade com as capacidades cognitivas (média, moderada e alta). Onde conseguiu, determinar as idades cronológicas em que as crianças tendem a ver vários aspectos da amizade como importantes, permitindo a relação entre a idade e a escolha, semelhante ao modelo de Selman (Gross, 2001).

Gross (2002), constatou que as concepções de amizade das crianças formam uma hierarquia de desenvolvimento dos estádios relacionadas com a idade e com as expectativas e crenças sobre a amizade, tornando-se mais sofisticados e complexos com a idade (Gross, 2006). Esta hierarquia é composta por 5 factores, que se organizam de forma ascendente consoante a idade e a complexidade conceptual:

Factor 1: “Companheiro escolhido para brincadeira” - amigo visto como alguém que se envolve com a criança num jogo e permite que a criança use e empreste os seus brinquedos

Factor 2: “Companheiro escolhido para conversar”- partilha de interesses na escolha de amigos, onde as conversas já não são simplesmente relacionadas com o jogo ou actividades.

Factor 3 “Apoio e incentivo”- amigo como alguém que oferece ajuda, apoio ou incentivo, contudo as crianças não se vêem na obrigação de fornecer ajuda ou apoio em troca, querendo apenas receber.

Factor 4: “Intimidade e empatia”- amizade como necessidade e obrigação de dar conforto e apoio fluí em ambos os sentidos. Aprofundamento da intimidade, partilha emocional.

Factor 5: “Garantia de suporte”- amizade percebida como uma relação profunda e duradoura de confiança, fidelidade e aceitação incondicional

Para cada um dos factores, a autora criou e atribui 4 itens representativos das expectativas e crenças das amizades das crianças que se encontram naquela faixa etária ou que apresentam um nível de concepção de amizade correspondente ao factor.

Com base nestes factores, e na teoria de Selman, é visível a correspondência da maturação do conceito de amizade face ao desenvolvimento cognitivo. Contudo, este estudo de Gross foi aplicado a crianças australianas, e visto a sobredotação sofrer influencias do meio ambiente, como refere a literatura, penso ser relevante avaliar estes factores para a população portuguesa.

Questões, Objectivos e Hipóteses

Tendo em conta os pressupostos teóricos referidos em todo o enquadramento, retirados da literatura, a presente investigação coloca as seguintes questões:

1.Serão os itens utilizados na investigação de Gross (2001), na população australiana, adequados para um grupo de crianças portuguesas?

2.Existem diferenças entre crianças e jovens com diagnóstico de sobredotação e sem diagnóstico, nos factores considerados importantes no estabelecimento de relações de amizade?

3.Crianças com diagnóstico de sobredotação apresentaram expectativas, crenças, e consequentemente concepções de amizade diferentes do esperado?

4. Existem maiores dificuldades na população sobredotada no estabelecimento de relações de amizade? Quais as suas dificuldades?

De forma a responder a estas questões são definidos os seguintes objectivos, bem como a hipótese relativamente às questões e ao esperado na exploração dos resultados obtidos dos dados recolhidos.

O desenvolvimento de um instrumento de avaliação das expectativas e crenças da amizade e consequentemente de concepções de amizade e analisar as suas qualidades psicométricas, que permita verificar se os factores de amizade descritos numa investigação internacional, são adequados para um grupo de crianças portuguesas. Sendo esperado algumas discrepâncias devido a factores sócio-culturais, contudo esperasse encontrar uma correlação positiva dos itens na medida do constructo.

Comparar as expectativas e crenças de amizade de um grupo de crianças e jovens com diagnóstico de sobredotação com um grupo de crianças e jovens sem diagnóstico de sobredotação. Visto as capacidades cognitivas serem um factor

importante na perspectiva e concepção de amizade, é esperado que crianças com diagnóstico de sobredotação apresentem expectativas e crenças sobre a amizade, mais maduras do que crianças da sua faixa etária mas sem diagnóstico de sobredotação.

Analisar de forma compreensiva e exaustiva as expectativas e crenças (factores), bem como a concepção de amizade de um grupo de crianças com diagnóstico de sobredotação, com o objectivo de confirmar que estes encontram-se em níveis mais desenvolvidos que a sua faixa etária. Onde de acordo com a literatura terão uma maior consciência, e serão baseados em factores com valores mais pró-sociais do que nos outros.

E descrever as dificuldades percebidas por crianças e jovens com diagnóstico de sobredotação, onde é esperado encontrar dificuldades ao nível da falta de oportunidade de encontrar pares e amigos com perspectivas semelhantes.

De seguida, será apresentado a descrição da metodologia utilizada na presente investigação, onde são incluídos a caracterização da amostra, os métodos utilizados e os procedimentos realizados para a recolha dos dados.

Metodologia

Esta investigação consistiu num estudo exploratório que necessitou recorrer a métodos quantitativos e qualitativos para a recolha dos dados. Tendo esta uma perspectiva orientada para a prática, como metodologia de investigação, pois não possui uma metodologia própria, integrando métodos quantitativos e qualitativos (Coutinho, 2013).

A escolha de uma metodologia mista, relaciona-se com a necessidade da comparação de duas diferentes amostras, mas também com um conhecimento aprofundado do tema e da perspectiva do próprio sujeito. Esta necessidade só poderia ser correspondida com a utilização de técnicas de investigação das duas diferentes metodologias.

Quanto à metodologia quantitativa, esta foi recolhida através de um questionário que foi respondido pelos participantes com e sem diagnóstico de sobredotação. A escolha da utilização de um questionário foi de forma a corresponder à necessidade de inquirir um número relevante de casos da população sem diagnóstico. Este foi construído pela investigadora e orientadora com base num questionário de Miraca Gross (2001) e nos itens dos factores de amizade extraídos da sua investigação. Sendo uma primeira parte para a exploração das preferências e relações de amizade actuais, e uma segunda na exploração das características importantes para o estabelecimento de amizades, que permite avaliar as expectativas e crenças que a criança tem sobre um amigo e consequentemente das concepções de amizade.

A presente investigação, também tinha como objectivo, a exploração de diferenças individuais do sobredotado quanto à sua visão do conceito de amizade e dos amigos, daí a necessidade da utilização de metodologia qualitativa. Nomeadamente de uma entrevista, pois permite recolher informação detalhada e aprofunda sobre um dado tópico, esta é considerada um bom instrumento para a avaliação de variáveis do foro socio-afectivo (Teddlie & Tashakorri, 2009, cit por Coutinho, 2013). Esta foi de natureza semi-estruturada, caracterizando-se por ter um guião de questões básicas, que permite ao cliente ir mais além das questões, organizando o seu próprio campo psicológico expondo as suas ideias e dificuldades de forma clara (López & Santacana, 2003), sendo vantajoso na recolha de informação, pois entrevistas menos estruturadas permitem uma maior liberdade em termos de sequência as de perguntas e das palavras utilizadas (Gross & Reeves, 2005). Permitindo assim ao entrevistador ser responsivo ao

que lhe está a ser respondido pelo entrevistado e visto a população alvo ser crianças de diferentes idades foi decidido a utilização de uma entrevista semi-estruturada.

Participantes e Contexto

A população alvo, do presente estudo encontra-se com idades compreendidas entre os 6 e 14 anos ($M=10,47$ e $DP=1,727$), sendo que todos habitam no distrito de Lisboa e Vale do Tejo.

A amostra para a análise quantitativa é constituída por crianças com e sem diagnóstico de sobredotação.

A população sem diagnóstico de sobredotação era constituída por 104 crianças de um agrupamento escolar do distrito de Lisboa, com idades compreendidas entre os 7 e 14 anos ($M=10,58$ e $DP=1,635$). A selecção da amostra foi feita de forma aleatória, sendo apenas pedido alunos que frequentassem entre o 3^a e 7^a anos de escolaridade, para garantir a correspondência das idades ao grupo com diagnóstico de sobredotação.

A esta população foi aplicado apenas o questionário, de Preferências de Amizade, sendo preenchido individualmente no contexto de sala de aula, tendo presente um professor e a psicóloga do agrupamento.

Quanto à amostra de população com diagnóstico de sobredotação, é constituída por 12 crianças que frequentavam, no ano lectivo de 2013/2014, o Programa de Enriquecimento da Delegação de Lisboa da Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação (ANEIS) tendo idades compreendidas entre os 6 e 13 anos de idade ($M=9,58$ e $DP=2,275$). Este programa consiste em actividades extracurriculares com crianças previamente avaliadas que tenham presentes características de sobredotação e talento, sendo que as avaliações da presente amostra referem que todos os participantes com diagnóstico de sobredotação, apresentam um $QI \leq 155$. As aplicações das entrevistas foram realizadas em Lisboa no local onde decore semanalmente o programa de enriquecimento.

A população com diagnóstico tratou-se de uma amostra objectiva, de forma a garantir que os participantes corresponderiam à população alvo do estudo, garantindo assim a existência de um diagnóstico credível de sobredotação.

A esta população foram aplicados tanto os questionários como a entrevista semi-estruturada. Os questionários foram preenchidos individualmente na sala do programa de enriquecimento, na sede da Delegação da ANEIS em Lisboa. Quanto às entrevistas,

estas foram realizadas individualmente numa sala privada, também na sede da associação, sendo este um ambiente seguro e conhecido para a criança.

Instrumentos

Para a investigação foram utilizados dois instrumentos de recolha de dados, de natureza metodológica distintas.

O questionário de Preferências de Amizade (anexo I) foi elaborado em conjunto com a orientadora, tendo por base e conclusões de um estudo elaborado por Gross (2001), no qual foi pedido autorização para a utilização de itens do questionário. O preenchimento dos questionários durou aproximadamente 15 minutos.

O questionário é constituído por 3 partes, a primeira que trata-se da recolha de dados biográficos, como data de nascimento, número de irmãos, sexo e ano de escolaridade. Uma segunda com intenção da recolha de dados acerca da qualidade e perspectiva dos participantes sobre as amizades actuais, onde são colocadas 4 questões com diferentes respostas que serão assinaladas pelos participantes. E por fim, elaborou-se uma escala constituída por 20 itens que correspondem aos factores extraídos por Gross (2001), quanto às expectativas e crenças do individuo acerca da amizade e de um amigo. Estes itens passaram por um processo de conversão para a língua portuguesa. Na escala o participante identifica o item como sendo importante ou não numa relação de amizade.

Na entrevista semi-estruturada, foi elaborado um guião de forma a facilitar o foco nas áreas importantes de exploração (anexo II), mas também uma entrevista (anexo III) com questões delineadas de forma a guiar a entrevistadora durante o processo. A aplicação da entrevista semi-estruturada, foi realizada apenas ao grupo da amostra com diagnóstico de sobredotação, com o objectivo de analisar o problema alvo da presente investigação. Pois esta metodologia, permite um contacto directo entre o investigado e os participantes, com base num conjunto de questões-guia, relativamente abertas, permitindo uma flexibilidade das questões quanto à sua ordem bem como a questões exploratórias e responsivas ao que o interlocutor nos transmite (Quivy & Campenhaut, 1998).

Procedimentos

Após o contacto com a associação ANEIS e o agrupamento da escolas, bem como a sua autorização para a aplicação dos instrumentos foram enviados consentimentos informados (anexo IV), solicitando a autorização dos educandos para a participação no estudo, aos encarregados de educação, onde era explicado o objectivo do estudo, o instrumento aplicado, bem como garantindo a confidencialidade e o anonimato dos participantes.

Após a autorização dos pais foram agendadas a aplicação do questionário, onde foi explicado ao participante o tema da investigação, transmitida segurança quanto à confidencialidade e anonimato das suas respostas, sendo por fim dadas instruções para o preenchimento do questionário.

Após, a aplicação dos questionários, deu-se início às entrevistas semi-estruturadas a crianças com diagnóstico de sobredotação para explorar das dificuldades em estabelecer relações de amizade.

Metodologias e tratamento de dados

Na análise dos dados quantitativos recolhidos no questionário foi utilizado o programa informático IBM SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), que permite descrever relacionar os dados obtidos (Coutinho, 2013), bem como permitir verificar a validade do instrumento.

Para a análise qualitativa, foi utilizado o programa informático Nvivo, auxiliando na organização dos dados, bem como na sua análise. Facilitando a análise do conteúdo das entrevistas, e consequentemente a identificação e compreensão das categorias subjacentes à problemática explorada, sendo essas categorias indutivas. Essas categorias, trata-se da classificação de dados descritivos, obtidos nos dados, permitindo obter os seus sentidos interpretativos (Bogdan & Biklen, 1994). A categorização da informação recolhida possibilitará uma verificação dos elementos comuns existentes nas diferentes entrevistas, de forma a organizá-los e permitindo trabalhar e interpretar esses dados de forma adequada.

Resultados

Serão apresentados os principais resultados obtidos, primeiramente a análise quantitativa correspondente à análise dos questionários aplicados a toda a população amostral, sendo analisado as suas qualidades psicométricas bem como informação para a comparação dos factores de amizade relevantes para as duas populações. Sendo também apresentado os resultados da análise qualitativa referente ao conteúdo das entrevistas realizadas com ao grupo com diagnóstico de sobredotação.

Análise Quantitativa

I. Análise das qualidades psicométricas

Para avaliar as qualidades psicométricas do instrumentos (Questionário de Preferências de amizade) e análise dos dados quantitativos, recorreu-se como disse anteriormente ao programa estatístico IBM-SPSS.

Para a avaliação das qualidades do instrumento, foi feito inicialmente o Teste de Normalidade da amostra, de forma a verificar se amostra do estudo tem uma distribuição normal, que é necessária para a utilização de diversas de metodologias estatísticas designadas por métodos paramétricos (Maroco, 2003).

O Teste de Kolmogorov-Smirnov, foi o utilizado para verificar se a distribuição amostral é normal, visto a amostra ser superior a 50 participantes. No teste foram encontrados para todos os itens um *p-value* de 0.000 (para existir normalidade na amostra é necessário *sig*>0,05), sugerindo violação da suposição da normalidade, contudo em populações com um grande número de participantes é normativo as escalas não sugerirem normalidade (Pallant, 2007). Visto, a distribuição amostral não ser normal, foram utilizados metodologias estatísticas não paramétricas, para a avaliação das qualidades psicométricas do instrumento, mas também para a extracção de informação relevante.

Consistência interna

Para avaliação da consistência interna dos itens, ou seja, se os itens estão a medir o mesmo constructo, neste caso a amizade, foi obtido um *Alfa de Cronbach* de .672, o que segundo DeVellis (2003, tal como citado por Pallant, 2007), revela um valor baixo de fiabilidade visto ser inferior a .70 (valor mínimo estabelecido para considerar o instrumento com fiabilidade). Contudo, sendo a presente investigação na área de

ciências sociais, é possível considerar um instrumento fiável com um *Alfa de Cronbach* a partir de 0.60, procedendo-se a uma interpretação cautelosa dos resultados (DeVellis, 1991, cit po Maroco & Garcia-Marques, 2006). Assim, o valor de *Alfa de Cronbach* de .672 permite dizer que a escala da investigação tem consistência interna.

Contudo, na análise inter-itens e análise de item-total, alguns itens correlacionam-se de forma negativa ou com um valor baixo. Os itens referentes às correlações negativas, não estão escritos de forma conceptual diferente, podendo ser colocada a possibilidade de corresponderem a dimensões distintas (Maroco & Garcia-Marques, 2006).

Estrutura Factorial

Na análise factorial, visto a amostra não ter uma distribuição normal, utilizou-se a Análise dos Componentes Principais, analisados segundo os critérios de Pallant (2007). Com base no teste de KMO (*Medida Kaiser-Meyer-Olkin*) onde obtivemos um valor de .637, ($KMO \geq 0,6$ para se proceder a análise factorial) e com o teste de Bartlett (*Teste de Esfericidade de Bartlett*) com um *p-value* de .000 ($p\text{-value} < .001$) é possível verificar que é adequado a análise dos factores.

Foram encontrados 6 componentes que explicam 60,83% variância da população, contudo de acordo com os critérios de exclusões de componentes, foram extraídos 2 componentes que explicam apenas 33,2% da variância na população. O valor dessas correlações ditam que o item correlaciona-se com componente, e com os outros itens que se enquadram no mesmo componente. Assim, através da matriz padrão, encontramos valores correspondentes à correlação de cada um dos itens, e da matriz de estrutura dá-nos informação quanto à correlação entre os itens e o componente. As comunalidades, indica a importância de manter ou excluir o item da escala, a exclusão é aconselhável quando os itens apresentam um $r < .3$ (Pallant, 2007). A tabela 1 apresenta os resultados das correlações obtidas na análise de componentes principais.

Tabela 1. Matriz de padrão e estrutura da Análise de Componentes Principais

Item	Matriz de Padrão		Matriz de Estrutura		Comunalidades
	Componente		Componente		
	1	2	1	2	
Alguém que gosta dos mesmos jogos que tu	.783	.059	.782	.054	.616
Alguém que tem muitos amigos	.745	-.092	.745	-.097	.564
Alguém que gosta dos mesmos programas de televisão que tu	.718	-.048	.719	-.052	.519
Alguém que é muito popular entre os colegas	.693	.079	.693	.075	.486
Alguém que tem as músicas mais recentes	.688	-.085	.688	-.089	.481
Alguém que te vai emprestar os seus brinquedos e livros	.569	.192	.568	.189	.359
Alguém que vai partilhar os seus brinquedos e jogos contigo	.420	.340	.418	.337	.290
Alguém que sente o mesmo que tu sobre as coisas que são importantes	.360	.323	.358	.321	.233
Alguém que vai continuar a ser teu amigo mesmo que tenham discutido	-.289	.161	-.290	.162	.110
Alguém que sempre te inclui nas suas brincadeiras	.212	-.058	.212	-.059	.048
Alguém que te irá ajudar se estiveres em apuros	-.044	.617	-.048	.617	.383
Alguém que vai falar com honestidade sobre o que pensam sobre ti	-.117	.581	-.120	.582	.352
Alguém com quem podes falar de coisas que te preocupem	-.298	.577	-.302	.579	.424
Alguém que te aceita como és	-.165	.574	-,168	.575	.358
Alguém que entende os teus sentimentos mais profundos	-.421	.523	-.424	.526	.453
Alguém que te incentiva a dares o teu melhor	.170	.485	-.167	.484	.263
Alguém que gostaria de estar contigo se se estivesse a sentir sozinho ou infeliz	.110	.430	.107	.429	.196
Alguém que partilha as tuas esperanças e sonhos	.145	.410	.143	.409	.189
Alguém que não vai dizer mal de ti nas tuas costas	-.271	.392	-.273	.394	.229
Alguém que partilha o teu sentido de humor	.185	.220	.184	.219	.082

Olhando para os itens que se destacam e que apresentam maiores correlações nos componentes permitiu identificar e dar um rótulo a cada um.

Em relação ao primeiro componente, este acarreta itens com cariz material e visível, sendo denominado de Componente Instrumental, que corresponde aos seguintes itens: “Alguém que gosta dos mesmos jogos que tu”, “Alguém que tem muitos amigos”, “Alguém que gosta dos mesmos programas de televisão que tu”, “Alguém que é muito popular entre os colegas”, “Alguém que tem as músicas mais recentes”, “Alguém que te vai emprestar os seus brinquedos e livros”, “Alguém que vai partilhar os seus brinquedos e jogos contigo” e “Alguém que sente o mesmo que tu sobre as coisas que são importantes”.

O segundo componente remete para valores hedonistas, que privilegiam a autenticidade e a genuinidade, denominado por Componente de Valores pró-sociais, pois a maioria dos itens remetem para o objectivo de ajudar e compreender o outro. Fazem parte deste componente os seguintes itens: “Alguém que vai partilhar os seus brinquedos e jogos contigo”, “Alguém que sente o mesmo que tu sobre as coisas que são importantes”, “Alguém que te irá ajudar se se estiveres em apuros”, “Alguém que vai falar com honestidade sobre o que pensam sobre ti”, “Alguém com quem podes falar de coisas que te preocupem”, “Alguém que te aceita como és”, “Alguém que entende os teus sentimentos mais profundos”, “Alguém que te incentiva a dares o teu melhor”, “Alguém que gostaria de estar contigo se se estivesse a sentir triste ou infeliz”, “Alguém que partilha as tuas esperanças e sonhos” e “Alguém que não vai dizer mal de ti nas tuas costas”.

Contudo, é importante referir que três itens não se enquadram nestes componentes, nomeadamente: “*Alguém que vai continuar a ser amigo mesmo que tenham discutido*”, “*Alguém que sempre te inclui nas suas brincadeiras*” e “*Alguém que partilha o teu sentido de humor*”. Na matriz de padrão, estes itens, apresentam correlações $<.3$, sendo sugerido que numa investigação futura estes devam ser retirados. Estas baixas correlações, poderá ter como razão os valores culturais discrepantes entre a amostra de onde se retirou os itens em comparação coma a população portuguesa.

Quanto à correlação entre os componentes esta apresenta-se negativa (-.006), o que corresponde à diferença conceptual e de valores defendidos entre os dois componentes, sendo esperado e compreensível a inexistência de qualquer relação entre estes.

É importante referir que na sua maioria (incluindo as correlações descritas) as correlações negativas acontecem entre itens de componentes diferentes, ou seja, quando um item encontra-se muito alto o outro encontra-se com baixos valores (Pallant, 2007), confirmando a diferença dos valores defendidos em cada componente.

Correlação entre os itens

Foram feitas correlações entre itens da escala, sendo apresentadas em anexo, analisadas através do Coeficiente de Spearman, e usando como base os critérios de Cohen (1988, tal como citado por Pallant, 2007).

Encontraram-se correlações positivas, fortes e significativas entre o item “*Alguém que gosta das mesmas jogos que tu*” e “*Alguém que tem muitos amigos*” ($\rho=.590, p\leq.01$), “*Alguém que gosta dos mesmos programas de televisão que tu*” com os itens “*Alguém que tem muitos amigos*” ($\rho=.527, p\leq.01$) e “*Alguém que gosta das mesmos jogos que tu*” ($\rho=.630, p\leq.01$), estas correlações estão presentes entre itens do mesmo componente (componente instrumental). Outras correlações positivas, fortes e significativas foram encontradas, nomeadamente entre os itens “*Alguém que te irá ajudar se estiveres em apuros*” e “*Alguém com quem podes falar de coisas que te preocupem*” ($\rho=.530, p\leq.01$), “*Alguém que te aceita como és*” e “*Alguém que entende os teus sentimentos mais profundos*” ($\rho=.530, p\leq.01$), estes correspondem ao componente pró-social.

Tabela 2. Correlações inter-itens positivas, fortes

Itens	1	5	6	7
1		.590*		
2	.630*	.527*		
3			.530*	
4				.530*

* $p\leq.01$; “*Alguém que gosta dos mesmos jogos que tu*” (1); “*Alguém que gosta dos mesmos programas de televisão que tu*” (2); “*Alguém que te irá ajudar se estiveres em apuros*” (3); “*Alguém que te aceita como és*” (4); “*Alguém que tem muitos amigos*” (5); “*Alguém com quem podes falar de coisas que te preocupem*” (6); “*Alguém que entende os teus sentimentos mais profundos*” (7)

Quanto às correlações negativas, existem em grande número, contudo são fracas estando perto de 0, revelando relações fracas entre os itens (Coutinho, 2013), mas

significativas. Contudo, existem itens com valores que indicam uma correlação pequena, serão referidas as correlações com os valores mais próximos de 1.

O item “*Alguém que vai continuar a ser amigos mesmo que tenham discutido*” e o “*Alguém que é muito popular*” ($\rho = -.275, p \leq .01$). O item “*Alguém que tem muitos amigos*” correlaciona-se com os itens “*Alguém que vai falar com honestidade sobre o que pensam sobre ti*” ($\rho = -.200, p \leq .05$), “*Alguém com quem podes falar de coisas que te preocupem*” ($\rho = -.200, p \leq .05$) e “*Alguém que entende os teus sentimentos mais profundos*” ($\rho = -.200, p \leq .05$). O item “*Alguém que tem as músicas mais recentes*” correlaciona-se com “*Alguém que vai continuar a ser amigo mesmo que tenham discutido*” ($\rho = -.218, p \leq .05$), “*Alguém que entende os teus sentimentos mais profundos*” ($\rho = -.293, p \leq .01$) e com “*Alguém com quem podes falar de coisas que te preocupem*” ($\rho = -.208, p \leq .05$). O item “*Alguém que entende os teus sentimentos mais profundos*” com o itens “*Alguém que gosta dos mesmo programas de televisão que tu*” ($\rho = -.267, p \leq .01$) e “*Alguém que goste dos mesmos jogos que tu*” ($\rho = -.230, p \leq .05$). Também correlacionam-se de forma negativa o item “*Alguém que tem muitos amigos*” com “*Alguém que não vai dizer mal de ti nas tuas costas*” ($\rho = -.206, p \leq .05$).

Foi realizada uma correlação total entre os dois componentes, onde se obteve uma correlação de $\rho = .379$ (anexo X) com um $p = .000$ ($p \leq .01$), sendo esta uma correlação positiva, média e significativa.

Assim, as correlações fortes encontradas, apenas entre os itens do mesmo componente, reforça a existência de duas formas distintas de concepção de amizade, e nas expectativas e crenças quanto a esta. Face aos resultados apresentarem significância estatística, pode-se afirmar a adequação da escala, para a avaliação de crenças e expectativas na população portuguesa.

II. Comparação entre grupos

Para uma comparação mais clara e significativa dos dois grupos da amostra, foi necessário uma análise estatísticas ANOVA, contudo face a não normalidade da amostra foi utilizado como alternativa o Teste de Kruskal-Wallis (teste não paramétrico).

Na análise dos resultados foram identificadas diferenças significativas, de acordo com o critérios de Pallant (2007) que considera uma diferença significativa se $p < .05$.

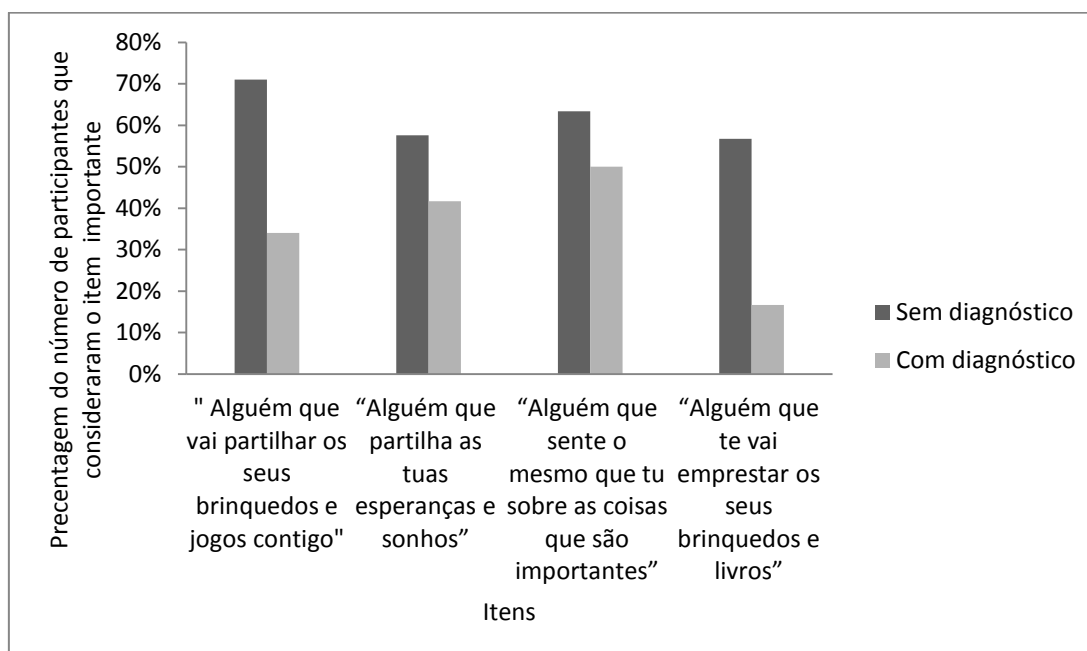
Foram encontradas diferenças significativas apenas em 3 itens. No item “*Alguém que vai partilhar os seus brinquedos e jogos contigo*” ($p=.008$), onde a população com diagnóstico atribui menor importância a este item ($M=1,67$; $DP=.455$). O item “*Alguém que gosta dos mesmos programas de televisão que tu*” ($p=.045$) onde existe uma total conformidade quanto à não importância deste factor para o estabelecimento de amizade na população com diagnóstico ($M= 2,00$; $DP=.000$). E o item “*Alguém que vai emprestar os seus brinquedos e livros*” ($p=.009$) onde o grupo com diagnóstico considera este também não ser um factor importante no estabelecimento de relação de amizade ($M= 1,83$; $DP=.389$) do que a população sem diagnóstico ($M=1,43$; $DP=.498$).

III. Análise dos dados totais de resposta aos itens em função do grupo da amostra

Para uma comparação detalhada do número de crianças dos diferentes grupos que responderam aos diferentes itens, será seguidamente exposto o número de respostas e consequentemente a importância dos factores nos diferentes grupos.

Os itens onde foram encontradas diferenças significativas, foram o item “*Alguém que vai partilhar os seus brinquedos e jogos contigo*”, em que 74 crianças sem diagnóstico (71%) consideraram o factor importante, ao contrário dos participantes com diagnóstico em que 8 crianças (66%) consideraram este não ser o factor importante. O item “*Alguém que partilha as tuas esperanças e sonhos*” onde apesar da diferença não ser grande, é importante referir pois as diferentes populações na sua maioria tem perspectivas diferentes da importância do factor, visto para 57,6% da população (60 participantes) sem diagnóstico considerou este um factor importante, enquanto 58,33% da população com diagnóstico (7 participantes) considerou este não ser um factor importante nas relações de amizade. No item “*Alguém que sente o mesmo que tu sobre as coisas que são importantes*” a maioria da população sem diagnóstico (66 participante- 63,4%) considerou este um factor importante, já na população sobredotada existe uma divisão quanto à importância do factor, pois 6 participantes responderam ser importante e outros 6 responderam não ser. O mesmo acontece no item “*Alguém que te vai emprestar os seus brinquedos e livros*” onde para a maioria da população sem diagnóstico (59 participantes- 56,7%) este factor é importante já para a população com diagnóstico a maioria (10 participantes- 83,3%) considera este um factor sem importância nas relações de amizade.

Figura 1. Comparação dos grupos em relação à importância atribuída ao item



É importante referir que existem itens onde os participantes com diagnóstico apresentam uma concordância absoluta quanto à sua importância. Nos seguintes itens todos os participantes com diagnóstico (12 crianças) consideram ser factores importantes nas relações de amizade: *"Alguém que vai dizer mal de ti nas tuas costas"*, *"Alguém que te irá ajudar se estiveres em apuros"*, *"Alguém que vai continuar a ser amigo mesmo que tenham discutido"* e *"Alguém que te aceita como és"*. Olhando para estes itens percebemos que todos se enquadram no componente 2 (valores pró-sociais) da análise factorial. Mas também apresentam concordância quanto à não importância dos factores, nomeadamente nos itens: *"Alguém que tem as músicas mais recentes"*, *"Alguém que gosta dos mesmos programas de televisão que tu"*, *"Alguém que é muito popular entre os colegas"*, que se enquadram no componente 1 (Componente instrumental) da análise factorial.

Na população sem diagnóstico não foram encontrados itens onde existisse uma concordância absoluta nas suas respostas, contudo é importante referir que nos itens descritos acima na sua maioria é concordante com a população sobredotada não existindo valores diferentes acima dos 30%.

Outras diferenças foram encontradas, contudo não parecem relevantes e confirmatórias de diferenças significativas entre as populações. Apesar disso existiu

itens onde os dois grupos da amostra foram concordantes quanto à sua importância, considerando-os importantes, nomeadamente no item: *“Alguém que entende os teus sentimentos mais profundos”*, *“Alguém que vai falar com honestidade sobre o que pensa sobre ti”*, *“Alguém que te incentiva a dares o teu melhor”*, *“Alguém que vai continuar a ser amigo mesmo que tenham discutido”* e *“Alguém que gostava de estar contigo se se estivesse sentir sozinho ou infeliz”*.

Análise dos dados totais face à exploração das amizades actuais

Na questão que explora a preferência em brincar com os outros ou sozinho, verifica-se que a maioria da população prefere brincar com outras crianças (55 crianças da amostra sem diagnóstico e 8 da amostra com diagnóstico).

Quanto à questão da idade dos amigos, 46 crianças sem diagnóstico responderam ter na maioria amigos da mesma idade que a sua, contudo apenas 4 crianças com diagnóstico confirmam esta igualdade de idade na maioria dos seus amigos. Os participantes com diagnóstico, apenas 5, afirmam que a maioria dos seus amigos são mais velhos, uma afirma serem mais novos e dois de diferentes idades, onde estão presentes amigos em faixas etárias superiores.

Quanto à facilidade ou dificuldade em encontrar amigos, a maioria dos participantes sem diagnóstico (56 participantes) afirmam ser fácil. Já na população com diagnóstico esta apresenta-se dividida, onde 6 crianças revelam facilidade em estabelecer relações de amizade (5 responderam ser fácil e 1 muito fácil), o mesmo número se verifica quanto à dificuldade em estabelecer relações de amizade, sendo que 4 participantes consideram ser difícil e 2 muito difícil.

Relativamente ao compararem-se com os outros quanto à inteligência (esperteza), na população sem diagnóstico a maioria (55 participantes) acredita serem tão espertos quanto eles, 13 participantes consideram os amigos mais espertos que eles e 9 participantes consideram os amigos menos, mais e tão espertos quanto eles. Na população com diagnóstico, 6 dos participantes consideram os amigos como sendo tão espertos quanto eles e 4 consideram-nos menos espertos. Um participante considerou serem na maioria mais espertos e também apenas um participante considerou serem menos e tão espertos que ele.

Análise Qualitativa

De seguida serão apresentados os principais resultados obtidos na análise de conteúdo das entrevistas semi-estruturadas (anexo VI), aplicada às crianças com diagnóstico de sobredotação.

I. Auto-caracterização dos participantes e as suas actividades

O tabela 3 corresponde à primeira questão do questionário, onde era pedido para as crianças se apresentassem/descrevessem, de forma a perceber que áreas são mais valorizadas ou relevantes para as crianças. Sendo, as características apresentadas, agrupadas em 10 categorias que depois se subdividem por subcategorias que correspondem às características referidas pelos participantes.

Tabela 3- Categorias referidas na auto-descrição

Categorias	Subcategorias	Fontes	Referências
Características cognitivas	Capacidades superiores	2	2
	Precocidade	1	1
Características artísticas	Desenho	1	1
	Escrita	1	1
	Musical	1	1
	Teatro	1	1
Competências práticas	Visão competente de si	1	1
Interesses	Adquirir novos conhecimentos	1	1
	Cinema	1	1
	Jogos de Playstation	1	1
Características emocionais	Agradáveis	2	2
	Desagradáveis	5	5
Características fisiológicas	Dados biográficos	6	6
	Sono	2	2
Características relacionais	Dificuldades nas relações	3	3
	Factores facilitadores	2	5
	Imposição de vontades	1	1
Características socio-emocionais	Comportamentos adequados	1	1
	Comportamentos desadequados	1	1
Dificuldade em descrever-se	Consideram difícil	1	1
	Não sabem	3	3

Encontramos um maior número de referências (6 referências) a dados biográficos (nome e idade). Apenas 3 referências a características cognitivas, nomeadamente a capacidades superior (2 referências) e a precocidade (1).

Contudo existe um maior número de referências à categoria Características Emocionais (9 referências), sendo que 3 referências trata-se de características que podem dificultar o estabelecimento de estabelecer relações de amizade, 5 referências a características facilitadoras e uma referencia desejo de impor as suas vontades sendo este um factor que pode dificultar as relações sociais. Quanto a características emocionais estes referem 5 vezes características desagradáveis ou negativas e duas referenciais apenas a características agradáveis.

É de salientar a categoria de Dificuldade em Descrever-se, tendo 4 referências (3- dizem não saber, 1 considera difícil). Como entrevistadora possibilitou-me observar o comportamento dos entrevistados, onde foi possível verificar que todas as crianças tiveram dificuldades em autodescrever-se pedindo uma explicação melhorada da questão e até exemplos de respostas. Sendo assim colocado como possibilidade estarmos perante crianças que tem uma maturidade superior à sua faixa etária a nível cognitivo, contudo podem apresentar uma imaturidade afectivo-emotiva que dificultem a expressão emocional e introspecção de características dessas áreas.

A tabela 4, refere-se às preferências de actividades praticadas pelas crianças, onde este poderá ser um forte factor que dificulta ou possibilita as relações, pois se estes tiverem actividades muito diferenciadas das praticadas pelo seu grupo de pares esta poderá funcionar como dificultador de estabelecimento de amizades com crianças da sua idade. Também face à possibilidade colocada por autores no enquadramento teórico, acerca dos sobredotados inibirem a sua expressão natural de interesses e gostos, de forma a apresentarem comportamentos de acordo ao seu grupo de pares esta parece não estar de acordo com os dados recolhidos, visto existir 17 referências para a prática de actividades que apenas gostam (11 crianças referiram apenas fazer o que gostam). Apenas duas referências a brincadeiras que não gostam, e uma referência a que os outros não gostam das brincadeiras que sugerem.

Quanto às actividades praticadas, é visível a prevalência de actividades ou jogos físicos (13 referências, feita por 9 crianças na ocupação dos seus tempos livres, 10 referências, em 8 crianças, nas actividades extra-curriculares e 6 referências feita por 6 crianças para actividades que pratica com os amigos). Não revelando interesses mais direccionados para raciocínio e lógica, mas sim uma prevalência das actividades físicas.

Existe apenas uma referência a actividades como conversa com os amigos, o que se pode justificar pela idade dos entrevistados, sendo estas idades que privilegiam os jogos e brincadeiras.

Tabela 4. Actividades realizadas com os amigos

Categorias	Subcategorias	Fonte	Referências
Ocupação dos tempos livres	Actividades físicas	9	13
	Desenho	1	1
	Estudar	1	1
	Jogos de Multimédia/computador	8	8
	Literatura	4	4
	Televisão	4	4
Actividades com amigos	Actividades multimédia	2	2
	Jogos físicos	6	6
	Contar histórias	1	1
	Conversar	2	2
	Jogos de tabuleiro	1	1
Gosto pelas actividades realizadas com os amigos	Faz sempre o que gosta	11	17
	Às vezes brinca mesmo não gostando	2	2
	Os outros não gostam das suas brincadeiras	1	1
Actividades extra-curriculares	Desportos físicos	8	10
	Música	3	3
	Teatro	3	3
	Não tem actividades	3	3

II. Ambiente escolar

Ao ambiente escolar, foram explorados se a criança gosta da escola e de estar no contexto escolar (resultados em anexo V), onde foi possível verificar uma maior referência à subcategoria “Gosta da escola” com 6 referências feita por 6 crianças. Contudo, existem quatro crianças que consideram os sentimentos face à escola estar dependente de alguns factores, referindo como desagradável algumas actividades e disciplinas mas também o ritmo lento na exposição da matéria.

Quando à categoria “Gosto em estar na escola”, 7 crianças (fontes), afirmam gostar de estar no contexto escolar. Uma criança afirma gostar apenas dos recreios.

A tabela 5, é referente aos recreios escolares, onde apenas 4 crianças referiram o tema da interacção com os outros, onde dois afirmam interagir com os colegas, 1 refere não interagir e uma referência ao ser selectivo nas suas interacções. Existem 5 referências de crianças que afirmam gostar do recreio, tendo como actividades mais referidas (4 referências) os jogos físicos e em grupo.

Tabela 5. Recreios

Categorias	Subcategorias	Fonte	Referências
Interacção com os outros	Interage	2	2
	Não interage	1	1
	Selectivo nas interacções	1	1
Actividades nos recreios	Jogos físicos e em grupo	4	4
	Passado com os professores	1	1
Perspectiva dos recreios	Gosta	5	5
	Não gosta	1	1
	Qualidade do recreio depende do estado de humor do grupo	1	1
	Outros percebem as suas brincadeiras como desagradáveis	1	1

III. Ambiente Familiar

No ambiente familiar todas as crianças afirmam realizar actividades com as famílias sendo que na sua maioria percebe essas actividades como agradáveis (11 referências). Quanto aos familiares como figuras de amizade, 10 crianças afirmam considera-los amigos, uma considera superior a amigos, e outra criança considera apenas alguns familiares como sendo seus amigos. O número de referências e de fontes que referiram as subcategorias encontram-se em anexo (Anexo VII)

IV. Amizades actuais e conceito

A tabela 6, é referente às categorias do conceito de amizade, tendo diversas subcategorias que são compostas pelas características relatadas pelas crianças como factores de amizade. São diversos os factores que as crianças enumeram como presentes

nas relações de amizade, contudo a mais referida foi a Confiança, com 5 referências e a prestação de ajuda bidireccional com 3 referências. De seguida com 2 referências encontram-se características como “gostar do outro” e “proporcionar bem-estar”. Contudo, é importante referir que tal como na primeira questão (auto-descrição) as crianças mostraram alguma dificuldade em responder à questão e 4 referiram mesmo não saber responder. Podendo confirmar a sua dificuldade em descrever-se e em exporem as suas opiniões sobre áreas emocionais e abstractas.

Tabela 6. Conceito de amizade

Categorias	Subcategorias	Fonte	Referências
Conceito de amizade	Confiança	5	5
	Dificuldade em descrever	4	4
	Faz parte do amor	1	1
	Gostar do outro	2	2
	Interacções frequentes com o outro	1	1
	Prestação de ajuda	1	1
	Prestação de ajuda bidireccional	3	3
	Proporciona bem-estar	2	2
	Ser-se o próprio	1	1
	Simpatia	1	1
	Sinceridade	1	1
	Solidariedade	1	1

A tabela 7, refere-se às características dos amigos actuais de forma a explorarmos as relações de amizade que as crianças mantêm presentemente e as suas experiências na área relacional.

Quanto à faixa etária dos amigos, 4 crianças responderam que a maioria dos seus amigos são mais velhos que elas, contudo é importante referir que 4 crianças assumiram ter amigos mais velhos e também mais novos e da mesma idade, sendo portanto visível a prevalência de amigos mais velhos nas crianças sobredotadas.

Em relação às características dos amigos actuais, prevalece a simpática, tendo 6 referências, de seguida por características com 2 referências características como: confiança (por uma criança), fonte de divertimento (duas crianças), gosto pelas actividades físicas e percepção positiva dos amigos (por duas crianças).

Tabela 7. Características dos amigos actuais

Categorias	Subcategorias	Fonte	Referências
Características	Confiança	1	2
	Considera-os bons	1	1
	Descrições comportamentais	1	1
	Fonte de divertimento	2	2
	Gosto pela aprendizagem	1	1
	Gosto pelas actividades físicas	2	2
	Gostos semelhantes	1	1
	Percepção positiva dos amigos	2	2
	Prestadores de ajuda	1	1
	Respeitadores	1	1
	Segurança	1	1
	Simpatia	6	6
	Não sabe descrever	1	1
Idade dos amigos	Da mesma idade	3	3
	Da mesma idade e mais novos	1	1
	Da mesma idade e mais velhos	1	1
	Mais velhos	4	4
	Mais velhos e mais novos	3	3

A tabela 8 expõe as categorias “Características de um bom amigo” e “Características de um amigo ideal”, onde são definidas subcategorias com as características referidas pelas crianças quanto a estes amigos.

Quanto à categoria “Característica de um bom amigo” à um foco maior na prestação de ajuda (5 referências), seguida da confiança com 3 referências. Apenas duas crianças identificam os seus amigos actuais como bons, sendo importante referir que os outros não referiram quanto à qualidade dos seus amigos.

Na categoria de “Características de um amigo ideal”, 8 crianças referiram ter amigos ideais, o que causa alguma divergência pois não se referiram a estes nas características de um bom amigo. E voltam a nomear o prestador de ajuda como a característica mais concordante entre os participantes (4 referências), sendo seguido pelos gostos semelhantes, interacções frequentes e partilha de bens (com 2 referências).

Tabela 8. Características dos amigos

Categorias	Subcategorias	Fonte	Referências
Características de um bom amigo	Considera os seus amigos actuais	2	2
	Ausência de conflitos	1	1
	Autenticidade	1	1
	Interacções frequentes	1	1
	Confiança	3	3
	Não faça julgamentos	1	1
	Não precisa de ser popular	1	1
	Partilha de bens	1	1
	Prestadores de ajuda	5	5
	Respeitador	1	1
	Não sabe descrever	2	2
Características de um amigo ideal	Interacções frequentes	2	2
	Confiança	1	1
	Gostos semelhantes	2	2
	Honestidade	1	1
	Não existem	1	1
	Não faça julgamentos	1	1
	Não precisa ser popular	1	1
	Não seja racista	1	1
	Partilha de bens	2	2
	Tenham percepções positiva de si	1	1
	Prestadores de ajuda	4	4
	Fonte de protecção	1	1
	Respeitador	1	1
	Segurança	1	1
	Dificuldade em descrever	1	1
	Não tem amigos ideais	1	1
	Tem amigos ideais	8	8

A tabela 9 refere-se à exploração de diferentes perspectivas entre os conceitos de colega e amigo, onde existem 9 referências, feitas por 9 crianças, confirmando existir diferença entre estes dois conceitos.

Para descreverem as diferenças, os 9 participantes relataram características que corresponderiam aos amigos e aos colegas. Quanto às características dos colegas, estes são predominantes no contexto escolar, sendo referidos comportamentos de colaboração nos trabalhos e actividades escolares por pertencerem à mesma turma (5 referências), as interacções ocasionais e superficiais (2 referências) também são atribuídas as interacções com os colegas, bem como pouco conhecimento de si (conhecimento íntimo) e uma perspectiva negativa dos colegas (1 referência). Aos amigos atribuíram

características como: interações são frequentes (3 referências), competências socio-emocionais (4 referências), nomeadamente a simpatia, a atenção, honestidade e ajuda mesmo que seja preciso acusá-lo. Também foram atribuídas características como conhecimento íntimo e partilha de sentimentos com duas referências.

Quanto ao número de amigos em comparação com os colegas, estes referem maioritariamente terem mais colegas do que amigos (8 referências), tendo três dito terem mais amigos que colegas.

Quadro 9. Diferença entre amigos e colegas

Categorias	Subcategorias	Fontes	Referências
Existe diferença	Existe	9	9
	Não existe	2	2
	Não sabe	1	1
Características dos colegas	Apenas no contexto escolar	5	5
	Pouco conhecimento íntimo	1	1
	Perspectiva negativa dos colegas	1	1
	Interações ocasionais e superficiais	3	3
Características dos amigos	Segurança	1	1
	Interações frequentes	3	3
	Conhecimento íntimo	2	2
	Partilha de sentimentos	1	2
	Prestar apoio	1	1
	Respeito	1	1
	Fonte de divertimento	1	1
	Alguém com quem se pode falar	1	1
	Confiança	1	1
	Competências sócio-emocionais	2	4
	Simpatia		1
Número de amigos comparativamente aos colegas	O mesmo número de colegas e amigos	1	1
	Tem mais amigos que colegas	3	3
	Tem mais colegas do que amigos	8	8

Por fim, a tabela 10, refere-se aos amigos que mantem actualmente em diferentes contextos, onde o contexto escolar tem 10 referências para a presença de amigos, mas também existem 10 referências para amigos exteriores a esse contexto. Duas crianças referiram ter amigos apenas na associação ANEIS, o que revela a importância de um contexto e relacionamento com crianças que tenham características semelhantes.

Na categoria de estabelecimento de amizades, é visível a igualdade de sentimentos de facilidade ou dificuldade em estabelecer amizades (6 referências cada), contudo existe duas referências para a importância de factores ambientais que dificultam ou facilitam esses estabelecimentos de relações de amizade.

Tabela 10. Amizades actuais

Categorias	Subcategorias	Referências
Amigos na escola	Têm amigos	10
	Não tem amigos	2
Amigos fora do contexto escolar	Tem amigos	10
	Tem amigos apenas na ANEIS	2
Estabelecimento de amizades	Dificuldade	6
	Facilidade	6
	Facilidade depende de fontes externas	2
	Dificuldade sempre presente	1

Discussão e Conclusão

No seguimento dos resultados, serão apresentadas as conclusões, bem como a sua discussão, com base na fundamentação teórica apresentada sobre a temática e nos objectivos e hipóteses colocadas na presente investigação.

Discussão

I. Serão os itens utilizados na investigação de Gross, na população australiana, adequados para um grupo de crianças portuguesas?

Apesar de ter utilizado o *alfa de Cronbach* para avaliação de consistência interna, visto este ser o mais consensual nos estudos psicométricos, segundo Maroco & Garcia-Marques (2006), a maioria dos investigadores tendem a considerar o *alfa de Cronbach* como um índice universal aconselhável para o estudo métrico de uma escala (qualquer que seja as suas características) e a percebê-lo como fornecendo “estimativas fiáveis” da “fiabilidade de uma escala”. Contudo, para instrumentos com resposta objectiva de tipo dicotómica a fórmula de Kuder-Richardson é a mais aconselhável para a avaliação da consistência interna (Coutinho, 2013). Sendo assim, importante uma interpretação cautelosa dos resultados obtidos, bem como numa avaliação psicométrica futura do instrumento a utilização desta fórmula em vez do *alfa de Cronbach*.

Com o alfa de Cronbach de .672, podemos afirmar, que os itens utilizados na escala sobre os factores de amizade, revelam que esta medida é fiável sendo consistente com a medida quando aplicada em populações semelhantes. Este valor também revela a presença de consistência interna na escala, ou seja, que os itens estão a medir o constructo desejado (amizade) (Maroco & Garcia-Marques, 2006). Contudo, na análise inter-itens onde são encontrados valores negativos e baixos, é importante referir que estes poderão estar relacionados com constructos ou dimensões diferentes, o que sugere a necessidade de uma reestruturação e avaliação dos mesmos. Porém, não podemos, colocar de lado as influências sócio-culturais distintas entre as duas populações, por exemplo o item “*Alguém que vai continuar a ser teu amigo mesmo que tenham discutido*”, apresenta na sua maioria correlações negativas com o outros itens, isto pode sugerir devido a uma influencia sócio-cultural na medida em que as crianças portuguesas podem ser educadas a verem os conflitos como algo negativo e difíceis de ultrapassar, contudo num ambiente australiano estas poderão ser ensinadas a ultrapassar esses conflitos e a vê-los de forma positiva, também é importante salientar que poderão

existir diferentes interpretações entre as duas populações para o conceito “discutir”, e que terá grande influencia nas respostas das crianças.

Com a análise factorial, percebemos que os itens da escala poderão ser agrupados em duas variáveis no constructo de amizade, nomeadamente agrupando-as em função das suas expectativas e crenças acerca da amizade. Se estas se encontram relacionadas com valores instrumentais que correspondem maioritariamente ao factor 1 e 2 das escolhas de amizade definidos pela Gross, tendo apenas o item “*Alguém que sente o mesmo que tu sobre as coisas que são importantes*”, que corresponde ao factor 4, contudo isto pode ter acontecido devido à escrita da frase pois a palavra “*coisa*” pode ter um significado material para a população portuguesa. Ou a perspectiva com valores mais pró-sociais, sendo maioritariamente constituída por itens correspondentes aos factores 3,4 e 5, tendo apenas um item “*Alguém que vai partilhar os seus brinquedos e jogos contigo*” onde volta a ser colocado como motivo para esta variação o significado da palavra “*partilha*”, pois esta poderá ter um significado de ajudar o outro, estando a disponibilizar os seus bens, podendo fazer parte das duas variáveis quanto aos itens. São encontrados assim, dois indicadores que agrupam a maioria dos itens mediante os valores que estas pressupõem.

Porém, três itens não se enquadram nestes componentes, que poderá ter como motivo as diferenças sócio-culturais presentes nas populações dos dois estudos. Esses itens contêm palavras que podem ser interpretadas de forma diferente nas duas culturas, a palavra “*discutir*”, como já foi referido anteriormente poderá ter significado mais grave na população portuguesa, palavra “*sempre*” que pode assumir um carácter muito rígido para a população do estudo, e o item que faz referência ao *sentido de humor*, que na nossa população pode não ser dada tanta importância, sendo crianças menos estimuladas para o desenvolvimento desta capacidade. Os itens não foram retirados do instrumento na presente investigação, contudo numa investigação futura é aconselhado uma reformulação dos itens ou a sua eliminação da escala.

Quanto às correlações acerca da associação dos itens, foram encontradas correlações positivas fortes, e correlações negativas fracas, com níveis de significância que permite generalizar estes resultados da amostra para a população geral, sugerindo esta escala, como uma boa medida na avaliação desta temática, podendo ser aplicado à população geral. Contudo, é importante referir a existência de correlações baixas entre os itens, sendo importante novamente uma avaliação e estudo dos itens que compõem a escala, de forma a reformulá-los e criarem uma melhor medida do constructo.

Com base na análise das qualidades psicométricas do instrumento, é visível a fragilidade de alguns itens, bem como não serem adequados para a avaliação do constructo de amizade, sendo importante em utilizações futuras do instrumento uma reformulação dos itens que compõem a escala dos factores de amizade, bem como uma nova avaliação das qualidades psicométricas para que melhore as qualidades de medida do instrumento.

II. Existem diferenças entre crianças e jovens com diagnóstico de sobredotação e sem diagnóstico, nos factores considerados importantes no estabelecimento de relações de amizade?

São encontradas diferenças significativas em relação a dois itens correspondentes ao factor 1 e um item ao factor 2, onde as crianças com diagnóstico de sobredotação atribuem menor ou nenhuma importância a esses factores, comparativamente com a população sem diagnóstico, que lhes atribuem importância.

Quando olhamos de forma exaustiva os dados totais da amostra, percebemos que nos 3 itens onde são significativas essas diferenças existe uma inversão da importância do item nas duas populações, onde a maioria das crianças sem diagnóstico considera estes itens importantes, já a população com diagnóstico considera na sua maioria este não ser importante. O que revela que na população amostral o grupo sem diagnóstico atribui importância a itens de factores 1 e 2, ao contrário dos participantes com diagnóstico. Revelando que as crianças sem diagnóstico dão importância a valores mais imaturos nas relações de amizade, ao contrário das crianças com diagnóstico que não demonstram dar importância a estes factores.

Contudo não são encontradas diferenças significativas em itens correspondentes a maiores níveis de desenvolvimento, o que poderá sugerir que a diferença entre as duas populações encontram-se apenas na exclusão de itens que correspondem a valores mais imaturos e precoces do estabelecimento de amizades, para a população com diagnóstico de sobredotação.

Outras diferenças foram encontradas nomeadamente na concordância total da população com diagnóstico, onde na população sem diagnóstico esta nunca existiu. Porém, na população sem diagnóstico existe uma maior diversidade de características que não são controladas, nomeadamente poderá existir crianças com potencial ou mesmo sobredotadas do qual não foi possível existir informação, daí este dado ser meramente indicador de uma maior semelhança e concordância de crenças e

expectativas da amizade na população com diagnóstico. Pois não existindo um controlo sobre o nível cognitivo dos participantes sem diagnóstico não nos é possível afirmar que não exista uma concordância e semelhança nesta população.

Olhando para os resultados verifica-se que a maior diferença, está no grupo sem diagnóstico atribuir maior importância a itens de factores 1 e 2, comparativamente à população com diagnóstico. Contudo atribuem igual importância a factores 3,4 e 5, sugerindo, assim uma maior selectividade da população com diagnóstico nas suas escolhas e da perspectiva de amigos comparativamente à população sem diagnóstico.

III. Crianças com diagnóstico de sobredotação apresentam expectativas e crenças de amizade diferente do esperado?

Olhando para os resultados, da análise quantitativa e qualitativa, penso que não é possível afirmar que a população com diagnóstico de sobredotação atribui maior valor a características correspondentes aos factores 3,4 e 5, do que a população sem diagnóstico, mas sim uma menor importância a factores 1 e 2. Concordante com esta afirmação encontra-se as 3 referências feitas a prestação de ajuda a um nível bidireccional em comparação com uma referência feita a prestação de ajuda, ficando a questão se também esta criança não se referia a ajuda bidireccional, na categoria de “Conceito de Amizade”. Também verifica-se que todas as características atribuídas ao conceito tratam-se maioritariamente de características pró-sociais como confiança, sinceridade, solidariedade, ser-se o próprio, que correspondem ao estágio 3,4 e 5 de Selman (1980).

Não é possível afirmar que estas apresentem expectativas e crenças, e consequentemente concepção de amizade diferente da esperada visto, a média de idades da população ($M=9,58$) corresponder já um estágio maduro de amizade. E olhando para as idades correspondentes às concepções de amizade e consequentemente aos factores, verifica-se uma grande sobreposição das idades o que torna difícil a discriminação do esperado, nomeadamente relativamente à faixa etária o que dificulta uma comparação com o nível de desenvolvimento cognitivo.

Podemos afirmar que existe uma maior importância dada a factores mais elaborados e de estádios mais avançados das concepções, o que poderá sugerir que esta população tem uma perspectiva mais elaborada e correspondente aos últimos estádios de concepção de amizade do modelo de Selman.

IV. Existem maiores dificuldades na população sobredotada no estabelecimento de relações de amizade? Quais as suas dificuldades?

Olhando para os resultados obtidos nas duas populações, é visível a divisão da amostra com diagnóstico quanto à dificuldade ou facilidade em fazer amigos, ao contrário da população sem diagnóstico que considera ser fácil. Porém fica a questão se esta dificuldade é percebida pelos sobredotados por terem perspectivas diferentes de um amigo e por isso, encontrar alguém que corresponda ao conceito de amizade torna-se difícil, visto estes serem caracterizados por atingirem precocemente expectativas e crenças mais sofisticadas e complexas acerca da amizade (Gross, 2014).

Os dados qualitativos confirmam, novamente, a divisão da amostra quanto à dificuldade em estabelecer relações de amizade, contudo é importante referir que duas das crianças que referem ser fácil admitem que esta depende do ambiente nomeadamente do outro e das actividades. O que poderá corresponder a ambientes compostos por indivíduos com características semelhantes ao sobredotado. Apesar de considerarem o estabelecimento de amizades difícil, 10 crianças admitem ter amigos dentro e fora do contexto escolar. Revelando existirem capacidades e competências que lhes permite ultrapassar essas dificuldades.

De acordo com a fundamentação teórica, estas dificuldades podem surgir devido a diversos factores, nomeadamente da discrepância de interesses das crianças sobredotadas com o seu grupo de pares, esta poderá ser confirmado visto duas crianças admitirem apenas terem amigos na ANEIS, onde o grupo em que estão inseridos é composto por crianças com diagnóstico de sobredotação podendo terem assim semelhanças na forma de se relacionar e nos interesses. Também uma das possíveis dificuldades poderá ser a facilidade em estabelecer relação com pares em idades superiores à sua, visto a maioria dos sobredotados admitirem que os seus amigos são maioritariamente mais velhos, o que poderá ser difícil para crianças sobredotadas que se encontram em turmas correspondentes à sua faixa etária estabelecer relações de amizade por não se identificarem com as actividades e forma de relacionar dos outros, sendo aqui novamente posto em causa a semelhança com o grupo.

É sugerido pela literatura que crianças sobredotadas apresentam elevada capacidade de raciocínio lógico e abstracto (Bahia & Oliveira, 2013) o que poderá fazer esta população interessar-se por actividades distintas do grupo de pares, dando preferência a jogos de lógica ou raciocínio. Porém nos resultados verifica-se uma preferência e até

prática de actividades físicas. Contudo fica a questão de que forma as crianças sobredotadas percebem e praticam esses desportos físicos, podendo ter visões mais maduras quanto às regras e ao objectivo do jogo. Sendo, a diferença entre as duas populações a forma como percebem o jogo e não o tipo de actividade que privilegiam ou praticam.

De acordo com a literatura, a aceitação do ruído de pares numa primeira fase é percebida pelas crianças como a conformidade entre os elementos do grupo (Newman & Newman, 2012), levando a esconderem os seus interesses e competências para serem aceites (Gross, 2001) e até criarem identidades alternativas (Gross, 1998), podendo levar a dificuldades dos sobredotados nas relações de amizade ao forçarem-se a praticar actividades que agradam o outro para que sejam aceites, que segundo Gross (1998) um esforço para manter uma imagem que não corresponde à realidade de si dificulta a promoção de relações de amizade onde estejam presentes a confiança e sinceridade que são necessários para o desenvolvimento de uma amizade íntima. Os dados recolhidos não são representativos desta dificuldade, tendo 17 referências à realização de actividades que gostam, feitas por 11 crianças. Revelando existir uma capacidade em se impor aos outros e realizar apenas o que gosta mesmo contra os gostos dos outros. Porém não se pode deixar de referir que duas crianças referem por vezes fazer actividades que consideram desagradáveis no grupo de amigos, mas até que ponto a amizade não pressupõe submeter-se aos desejos do outro? Desde que essa submissão não seja permanente e seja “doseada” pelas duas partes. Não podemos esquecer que na amizade o indivíduo tem de ter capacidade de se abstrair da sua perspectiva e do outro, tendo uma 3ª perspectiva que permite reflectir sobre as consequências das suas acções (Soares & Campos, 1986). Assim, não poderemos supor que estas crianças, ao referirem fazerem, algumas vezes actividades com os amigos que são desagradáveis para si, não estão simplesmente a agir de acordo com o nosso meio social e permitindo submeter-se ao outro numa determinada situação, pois noutras o outro submetesse a si. Assim estaria a agir de forma madura e saudável tanto para o seu grupo social como para si, revelando a perda de uma visão egocêntrica das situações correspondente a estádios imaturas da amizade. Confirmando a perspectiva de Papalia et al. (2002), que uma criança não consegue ser ou ter verdadeiros amigos enquanto não atingir a maturidade cognitiva para considerar pontos de vista e necessidades dos outros, bem como as suas.

É importante referir que segundo a fundamentação teórica (Hollingworth, 1942), as maiores dificuldades em populações com diagnóstico de sobredotação, encontram-se

naquela com um $QI > 160$, devido a existir uma grande discrepância dos interesses e capacidades das crianças com o grupo de pares. Contudo no grupo com diagnóstico de sobredotação da presente investigação apenas o valor mais elevado de QI situação em 150, o que poderá justificar não serem encontradas dificuldades muito marcadas nos participantes. Quanto à ideia dada pelo mesmo autor de uma “inteligência socialmente óptima” entre QI de 125 e 155, não se confirma nos resultados obtidos nesta populações, pois metade destes afirmam ser difícil encontrar um amigo. Sugerindo tal como Sternberg (1977, 1984) a divisão entre uma inteligência prática e académica, onde a primeira se encontra associada a aspectos sociais e contextuais não estabelecendo relação com a académica onde esta se relaciona com o valor de QI .

Assim, é difícil responder à questão de uma forma directa, pois comparando as duas populações da investigação é visível que a população com diagnóstico consideram ter maior dificuldade em estabelecer relações de amizade, mas como vimos anteriormente essas dificuldades serão pela existência de divergência entre estas crianças e o grupo onde está inserido? Será por terem um entendimento diferente sobre a amizade, o que torna difícil encontrar uma “verdadeira”? Ou será pela diferença de interesses? Muitas são as questões que poderíamos colocar e que poderão ser exploradas em investigações futuras. Olhando para os resultados e a discussão, considero que de acordo com a literatura, quando estamos perante crianças com diagnóstico de sobredotação que apresentam dificuldades em estabelecer relações de amizade, estas podem não ser inerentes a si, mas sim à falta de oportunidade em mover-se e interagir com ambiente semelhantes a si, como as outras crianças com um desenvolvimento intelectual normativo tem oportunidade de interagir.

Conclusão geral

De acordo com as limitações encontradas no instrumento utilizado, bem como na sua análise estatística, apesar deste mostrar resultados que permitem avaliar o constructo subjacente à presente investigação, penso ser necessário futuramente um ajuste deste instrumento aos constructos de acordo com a população portuguesa, para conseguir uma melhor e fiável medição.

Quanto aos resultados obtidos nos dois métodos de investigação, estes revelam existir uma menor importância da população com diagnóstico de sobredotação relativamente características imaturas da amizade, dando maior importância a valores pró-sociais permitindo assim, e de acordo com Gross (2014), afirmar que crianças sobredotadas revelam expectativas e crenças sobre a amizade mais sofisticadas e complexas em comparação a crianças sem diagnóstico de sobredotação.

Pode-se concluir que muitas das características referidas na fundamentação teórica, podem ser responsáveis pelos comportamentos e atitudes das crianças sobredotadas. O seu fácil entendimento intelectual dos problemas, preferências pela complexidade, pouco interesse por tarefas fáceis e rotineiras e uma percepção e apreciação crítica de ideias, pessoas e acontecimentos (Clark, 1992; Lubart, 2006; Porter, 1999 tal como citado por Bahia & Oliveira, 2013), pode justificar a menor importância dada ao factor 1 e 2 que refere-se a actividades e comportamentos mais direccionados para um fim material, de importância quantitativa (número de amigos) ou as semelhanças. Sendo esta conclusão concordante com Gottman & Parker (1986, tal como citado por Gross, 2001), que defendem que crianças sobredotadas deixam precocemente de dar importância a comportamentos que levam à popularidade, tendo uma maior capacidade de distinguir entre popularidade e amizade, e procurando mais cedo manter relações que apresentam ter mais funções de amizade, como companheiros, estímulo, intimidade e afirmação.

Segundo Oliveira & Oliveira (1999), esta população também é caracterizada por uma ausência de sentimentos de inferioridade, variedade de interesses e boa integração social. No grupo entrevistado estas características confirmam-se, contudo é de salientar que estas entrevistas foram realizadas num ambiente seguro e onde existe uma semelhança de características entre os indivíduos, proporcionando uma boa integração social. Podendo existir assim uma influência do meio ambiente e social que a criança está envolvida, pois o desempenho emocional que o sobredotado demonstra depende da

confluência de vários factores multidimensional e da sua dinâmica (Bahia & Trindade, 2012). Quanto à variedade de interesses esses são visíveis pela diversidade e quantidade de actividades que a maioria das crianças entrevistadas realizam nos seus tempos livres.

Outras características mencionadas por Gross (2014) é o início precoce de atitudes e necessidades presentes na adolescência (sentido de identidade, autonomia, necessidade de relações de amizade próximas de confiança e sensibilidade), preferências em companhia de indivíduos mais velhos, normalmente procuram crianças com o mesmo nível cognitivo e emocional. Estas são confirmadas pela presente investigação, pois é revelado pelas crianças com diagnóstico de sobredotação, terem na sua maioria amigos mais velhos e identificarem ao conceito de amizade relações de proximidade/intimidade emocional, mas também de confiança. Indicando assim uma preferência por relações de amizade em vez de muitos amigos casuais, mesmo que seja um número reduzido de amigos (Gross, 2014).

Uma das características que não se confirma na presente investigação é a inibição da expressão de interesses e características, sendo sugerido que este é um comportamento presente nesta população para a serem aceites no grupo de pares. Contudo este comportamento não se verifica sendo admitido pela maioria dos participantes fazerem apenas o que gostam e quando não gostam afastarem-se. Sendo este também um sinal de maturidade emocional e relacional.

Quanto à existência de dessincronias defendida por Terrasier (1985), este não se verificou na presente investigação, não sendo mencionadas quaisquer expectativas dos amigos, pais ou professoras, e confirmando uma concepção, bem como crenças e expectativas de amizade maduras, correspondendo ao seu nível de desenvolvimento cognitivo.

Por fim, é identificado a presente de maiores dificuldades em estabelecer relações de amizade em crianças com diagnóstico de sobredotação, comparativamente ao grupo sem diagnóstico. Contudo, não foram definidas de forma clara e concreta que tipos de dificuldades, estas crianças encontram ao tentar relacionar-se com os outros.

Limitações da investigação

Na presente investigação foram encontradas limitações ao nível da qualidade psicométrica do instrumento, visto ser necessário em investigações futuras uma reestruturação de alguns itens que constituem o instrumento ou mesmo a sua exclusão e possível substituição. De forma a que estes apresentem uma medida mais válida e fiável correspondente ao constructo de amizade.

Outra das limitações do estudo, corresponde ao número reduzido da amostra com diagnóstico de sobredotação, mas principalmente por estes estarem inseridos num programa de Enriquecimento da Delegação de Lisboa da ANEIS, onde estão inseridos num grupo com características semelhantes às suas e permite uma maior e também facilidade de relações sociais bem-sucedidas. Assim seria importante numa investigação futura, a população alvo (população com diagnóstico de sobredotação) abranger um maior número de participantes e diversidade quanto aos contextos em que estão inseridos.

Outra limitação está a inexperiência em aplicar entrevistas, podendo este ser a causa desta, não ter permitido uma maior exploração e identificação das dificuldades sentidas e vividas pela população sobredotada, sendo também importante numa investigação futura uma maior exploração dessas dificuldades para uma melhor intervenção.

Essas dificuldades foram pouco descritas na investigação não tendo dificuldades concretas definidas pelos participantes como as suas dificuldades, sendo importante numa investigação futura uma maior exploração do tipo de dificuldades que esta população encontra.

Implicações para a prática clínica

Quanto às implicações para a prática, esta permitiu identificar na população portuguesa a presença de uma maior importância dos factores maduros de amizade, sugerindo que este tem uma concepção de amizade mais desenvolvida que a maioria dos indivíduos na sua faixa etária. Indicando assim, uma possível dificuldade em relação à discrepância de interesses e semelhança com os outros.

Assim na prática clínica ao identificarmos como a causa dessa dificuldade as diferenças no ambiente em relação ao indivíduo, permite-nos auxiliar a criança ou jovem a adaptar-se a essas diferenças, bem como desenvolver competências para uma

melhor relação com os outros, sem comprometer ou inibir a expressão da sua identidade e características.

Referências Bibliográficas

- Alencar, E.S (1986). *Psicologia e Educação do Superdotado*. São Paulo. EPU
- Alencar, E.S (2007). Características socio-emocionais do superdotado: questões atuais. *Psicologia em Estudo*, 12 (2), 371-378
- Alencar, E.S (2014). Ajustamento Emocional e Social do Superdotado: Fatores Correlatos, In F. Piske., J.M., Machado., S. Bahia & T. Stoltz, *Altas Habilidade/Superdotação (AH/SD)*.(pp.147-160). Curitiba: Juruá Edições
- Almeida, L. & Oliveira, E (2000), Os professores na identificação dos alunos sobredotados, In L. Almeida, E. P. Oliveira & A.S. Melo (orgs), *Alunos sobredotados: contributos para a sua identificação e apoio*. (pp. 43-53). Braga: Edições ANEIS.
- American Psychological Association (2010). *Dicionário de Psicologia*. São Paulo. Artmed.
- Bahia, S (2005). Olhares múltiplos sobre a inteligência(s): Como enriquecem o desenvolvimento?. *Sobredotação*, 6, 55-76.
- Bahia. S. & Oliveira, E. P. (2013). Diferenças Individuais e Necessidades de Aprendizagem. In Veiga, F. H. (Org.). *Psicologia da Educação: Teoria, Investigação e Aplicação*. (pp. 583-631). Coimbra: Almedina.
- Bahia, S & Trindade, J.P (2012). *Emoções na sobredotação: da teoria à prática*. *Revista Amazônica de Educação*, 10, 166-185,
- Bodgan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *A investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora,
- Cortizas. M. J. I, (2000). En qué consiste la superdotación?. In Almeida,L., Oliveira, E,P & Melo, A. S (Org). *Alunos sobredotados: contributos para a sua identificação e apoio*. (pp. 28-35). Braga: ANEIS
- Coutinho, C. P (2013). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática* (2ª edição). Coimbra. Almedina

- Deci, E. L. & Ryan, R. M. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11, 227–268
- Fernandes, H. S., Mamede, M. C. C. & Sousa, T. M. F. B. (2004). Sobredotação: Uma realidade/um desafio. *Cadernos de estudo*, 1, 51-56.
- Gagné, F (2014). The DMGT: changes within, beneath, and Beyond, In F. Piske., J.M., Machado., S. Bahia & T. Stoltz, *Altas Habilidade/Superdotação (AH/SD)*.(pp.19-42). Curitiba: Juruá Edições.
- Gardner, H (1983). *Frames of mind: The theory of multiple intelligences*. New York: Basic Books.
- Gardner, H (1985). *The mind’s new science: A history of the cognitive revolution*. New York.
- Gross, M. U. M. (1998). The “me” behind the mask: intellectually gifted students and the search of identity. *Roeper Review*, 20(3), 167-174.
- Gross, 1999 Gross, M.U.M. (1999). Small poppies: Highly gifted children in the early years. *Roeper Review*, 21(3), 207-214.
- Gross, M. U. M. (2001). “Play partner” or “sure shelter”? Why gifted children prefer older friends., Acedido em Janeiro 4, 2013 em http://www.hoagiesgifted.org/play_partner.htm.
- Gross, M. U. M. (2002). “Play partner” or “sure shelter” what gifted children look for in friendship. *The SENG Newsletter*, 2 (2), 1-3.
- Gross, M. (2006). Dicas para os pais: amizades em crianças sobredotadas, Acedido em 7 de Novembro, 2013 em http://www.davidsongifted.org/db/Articles_id_10400.aspx
- Gross, M. U. M. (2010). The pursuit of excellence or the search for intimacy? The forced-choice dilemma of gifted youth. *Roeper*, 11 (4), 189-194

- Gross, M. U. M. (2014). Issues in the Social-Emotional Development of Intellectually Gifted Children. In F. Piske., J.M., Machado., S. Bahia & T. Stoltz, *Altas Habilidade/Superdotação (AH/SD)* (pp.83-94). Curitiba: Juruá Edições.
- Gross, A.M. & Reeves, C.B. (2005). La entrevista conductual com niños. In V.E. Caballo (Coord). *Manual para la evaluación clínica de los trastornos psicológicos* (pp. 63-75). Madrid: Ediciones Pirâmide.
- Hollingsworth, L. S (1942). Children above IQ 180: *Their origin and development*. New York: Macmillan.
- Kagan, J. (1989). Temperamental contributions to social behavior. *American Psychologist*, 44, 668-674.
- Kaufman, S.B. & Sternberg, R. J. (2008). Conceptions of Giftedness. In Pfeiffer, S. I. *Handbook of giftedness in children: psycho-educational theory, research, and best practices* (pp. 71-88). New York: Springer.
- López, F.R. & Santacana, M. F. (2003). Evaluación psicológica entendida como processo. In M. F. Santacana (Coord.). *Evaluación psicológica* (pp. 5-45). Barcelona: UOC.
- Maroco, J (2003). *Análise estatística-com utilização do SPSS*. (2ªedição) Lisboa: Sílabos
- Maroco, J & Garcia-Marques, T (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?. *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90
- Nangle, D. W., Eardley, C. A., Newman, J. E., Mason, C. A., & Carpenter, E. M. (2003). Popularity, friendship quantity, and depression. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 32, 546-555
- Neihart, M, (1999). The impacto f giftedness on psychological well-being: What does the empirical literature say? *Roeper Review*, 22 (11), 10-17.

- Newman, B.M., & Newman, P.R. (2012). *Life-span development: A psychosocial approach* (11th ed.). Wadsworth.
- Oliveira, J.M., & Oliveira, A. M. (1999). Sobredotação e criatividade. *Psicologia da educação escolar I*. Coimbra: Almedina
- Pallant, J (2007). *SPSS, Survival Manual*. New York: Open University
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2002). *A Child's World: Infancy Through Adolescence* (9th ed.). New York, NY: McGraw Hill.
- Pessoa, M. F.S.A.C.M.T (2011). *Desafios e necessidades dos professores na resposta a alunos sobredotados em context de sala de aula*. (tese de mestrado). Universidade de Lisboa: Portugal
- Quivy, R. & Campenhoudt (1998). *Manual de Ciências Sociais*. (2^a edição). Lisboa: Gradiva
- Renzulli, J.S (2011). What makes Gidtedness? Reexamining a defnition. *Phi Delta Kappan Classic*, 92 (8), 81-88.
- Robinson, N.M. (2008). The social world of gifted children and youth. In Pfeiffer, S. I. *Handbook of giftedness in children: psyco-educational theory, research, and best practices* (pp.33-48). New York: Springer
- Salisch, M. von (2001). Children's emotional development: Challenges in their relationships to parents, peers, and friends. *International Journal of Behavioral Development*, 25, 310-319
- Selman, R.L. (1980). *The growth of interpersonal understanding: developmental and clinical analyses*. New York: Academic
- Soares, I & Campos, B.P (1986). Concepção de Amizade nos Jovens. *Cadernos de Consulta psicológica*, (2), 47-57
- Tourón, J & Reyero, M (2000). Mitos y Realidades en Torno a la Superdotación. *Sobredotação*. In Almeida, L., Oliveira, E., & Melo, A. (Org.). *Alunos*

sobredotados: contributos para a sua identificação e apoio. (pp. 19-27). Braga: ANEIS.

Terrasier, J, (1985). Dissincronía: Desarrollo Irregular. *Los niños superdotados*. Spain. Santillana

Winner, E, (1996). *Crianças sobredotadas: mitos e realidades*. Lisboa: Instituto Piaget

Zeidner, M., Shani-Zinovich, I., Matthews, G., & Roberts, R.D. (2005). Assessing emotional intelligence in gifted and non-gifted high school students: outcomes dependo on the measure. *Intelligence*, 33, 369-391.

Anexos

Anexo I

Questionário de Preferências de Amizade

Data de nascimento:___/___/___

Sexo: F ☐ M ☐

Ano de escolaridade:___

Nº de irmãos:___

Assinala os seguintes itens, o que se identificam contigo:

I. Eu prefiro brincar...

a. Com outras crianças.....☐

b. Com adultos.....☐

c. Sozinho.....☐

II. A maioria dos meus amigos são...

a. Da mesma idade que eu.....☐

b. Mais velhos que eu.....☐

c. Mais novos que eu.....☐

III. Encontrar amigos é...

a. Fácil.....☐

b. Muito fácil.....☐

c. Difícil.....☐

d. Muito difícil.....☐

IV. A maioria dos meus amigos são

a. Mais espertos que eu.....☐

b. Tão espertos quanto eu.....☐

c. Menos espertos que eu.....☐

Das seguintes afirmações, assiná-la com uma cruz, as características que achas importantes nos amigos:

Alguém que vai partilhar os seus brinquedos e jogos contigo	
Alguém que te aceita como és	
Alguém que sempre te inclui nas suas brincadeiras	
Alguém que não vai dizer mal de ti nas tuas costas	
Alguém que te irá ajudar se estiveres em apuros	
Alguém que tem as músicas mais recentes	
Alguém que entende os teus sentimentos mais profundos	
Alguém que gosta dos mesmos programas de televisão que tu	
Alguém que partilha o teu sentido de humor	
Alguém que gosta dos mesmos jogos que tu	
Alguém com quem podes falar de coisas que te preocupem	
Alguém que vai falar com honestidade sobre o que pensam sobre ti	
Alguém que é muito popular entre os colegas	
Alguém que partilha a tuas esperanças e sonhos	
Alguém que tem muitos amigos	
Alguém que sente o mesmo que tu sobre as coisas que são importantes	
Alguém que te incentiva a dares o teu melhor	
Alguém que vai continuar a ser amigo mesmo que tenham discutido	
Alguém que te vai emprestar os seus brinquedos e livros	
Alguém que gostaria de estar contigo se se estivesse a sentir sozinho ou infeliz	

Obrigado pela tua colaboração!



Anexo II

Guião de Entrevista às crianças sobredotadas

Objectivo: Compreender as expectativas e crenças de amizade das crianças com diagnóstico de sobredotação e as eventuais dificuldades ou facilidades em estabelecer relações de amizade, e as competências utilizadas nessas relações.

Fases	Objectivos	Orientações para as questões
Inicial	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação• Estabelecimento da relação• Motivar o entrevistado	<ul style="list-style-type: none">• Apresentação da entrevistadora e do entrevistado• Informações acerca das linhas gerais do trabalho e o objectivo do estudo• Garantir a confidencialidade e o anonimato da informação recolhida
Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none">• Análise da concepção de amizade• Análise de eventuais dificuldades em estabelecer relações de amizade	<ul style="list-style-type: none">• Explorar o conceito de amizade (ex: <i>“o que é para ti a amizade?”</i>)• Relações com os familiares (ex: <i>“os teus familiares, também consideras como teus amigos?”</i>)• Preferências nas actividades (ex: <i>“diz-me o que gostas mais de fazer nos teus tempos livres e nas tuas brincadeiras?”</i>)• Relações de amizade<ul style="list-style-type: none">- Contexto escolar- Contexto social(ex: <i>“fala-me sobre os teus amigos?”</i>)
Final	<ul style="list-style-type: none">• Finalização da entrevista• Agradecimentos• Despedida	<ul style="list-style-type: none">• Aviso do termino da entrevista• Disponibilidade para discussão de algum tema do desejo da criança (ex: <i>“queres dizer-me mais alguma coisa sobre a amizade?”</i>)• Agradecimento da disponibilidade

Anexo III

Entrevista

1. Gostava que te apresentasses, pensei que poderias dizer algumas das tuas características para eu te conhecer melhor.
2. O que gostas de fazer nos teus tempos livres?
 - 2.1. Tens alguma actividade?
3. Gostas da escola?
 - 3.1. E de estar na escola?
 - 3.2. Como são os recreios?
4. Tens amigos na escola?
 - 4.1. E fora da escola?
5. Para ti existe diferença entre um colega e um amigo?
 - 5.1. Tens mais colegas ou amigos?
6. Para ti é fácil ou difícil fazer amigos?
7. Como são os teus amigos?
 - 7.1. São mais velhos ou mais novos que tu?
8. Preferes brincar sozinho ou com alguém?
9. O que costumavas fazer com eles?
 - 9.1. É o que gostas de fazer? Ou gostavas de fazer outras actividades e brincadeiras?
10. E com a tua família, gostas de fazer actividades com eles?
 - 10.1. Com quem?
11. Consideras que alguns familiares também são teus amigos?
12. O que é para ti a amizade?
13. O que seria para ti, um bom amigo?
 - 13.1. E um amigo ideal, como seria?
 - 13.2. Tens algum amigo que seja assim?
14. Tens mais alguma coisa a dizer sobre o tema?

Anexo IV

Consentimento informado a encarregados de educação de participantes sem diagnóstico de sobredotação

Caro encarregado de educação,

Eu, Marisa Isabel Ferreira Carvalho aluna do 5º ano da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, estou a realizar um projecto de investigação para a minha dissertação de mestrado, sob orientação da Professora Doutora Sara Bahia.

A investigação que estou a realizar tem como objectivo compreender as concepções de amizade em crianças com e sem diagnóstico de sobredotação. Assim, pretendemos conhecer e verificar se existem diferenças na concepção de amizade, nestas duas diferentes populações.

Os participantes terão entre os 7 e os 11 anos de idade, e a aplicação do questionário deverá demorar cerca de 20 minutos, sendo esta colaboração voluntária, o seu educando poderá interrompê-la a qualquer momento do preenchimento. Caso não queira que o seu educando participe no estudo, terá todo o direito de não o permitir.

O anonimato do participante (o seu educando) será mantido, não existindo registo do nome ou qualquer elemento que possa identificá-lo. A informação recolhida serão estritamente anónimas e confidenciais, sendo apenas utilizadas no presente estudo.

Caso pretenda obter informação acerca dos resultados da investigação, poderá consegui-las após a entrega da dissertação, que ficará integralmente disponível no repositório da Universidade de Lisboa (repositorio.ul.pt/), ou solicitar um resumo dos resultados globais, através do e-mail.

Para mais informações ou esclarecimentos acerca da investigação, poderá contactar-me através de marisa8544@gmail.com

Autorizo

☐

Não autorizo

☐

Assinatura: _____

Consentimento informado a encarregados de educação de participantes com diagnóstico de sobredotação

Caro encarregado de educação,

Eu, Marisa Isabel Ferreira Carvalho aluna do 5º ano da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, estou a realizar um projecto de investigação para a minha dissertação de mestrado, sob orientação da Professora Doutora Sara Bahia.

A investigação que estou a realizar tem como objectivo compreender as concepções de amizade em crianças com e sem diagnóstico de sobredotação. Assim pretendemos conhecer e verificar se existem diferenças na concepção de amizade, nestas duas diferentes populações. Bem como, os factores que influenciam a percepção da amizade e o modo como crianças com diagnóstico de sobredotação percebem as amizades.

Os participantes terão entre os 7 e os 11 anos de idade, e será aplicado um questionário que deverá demorar cerca de 20 minutos, e posteriormente uma entrevista com duração prevista de 30 minutos. Sendo esta colaboração voluntária, o seu educando poderá interrompê-la a qualquer momento do preenchimento. Caso não queira que o seu educando participe no estudo, terá todo o direito de não o permitir.

Não são conhecidas riscos para a saúde ou bem-estar relacionados com a participação no estudo. O anonimato do participante (do seu educando) será mantido, não existindo registo do nome ou qualquer elemento que possa identificá-lo. A informação recolhida será estritamente anónima e confidencial, sendo apenas utilizadas no presente estudo.

Caso pretenda obter informação acerca dos resultados globais da investigação, poderá consegui-las após a entrega da dissertação, que ficará integralmente disponível no repositório da Universidade de Lisboa (repositorio.ul.pt/), ou solicitar através de e-mail, um resumo dos resultados.

Para mais informações ou esclarecimentos acerca da investigação, poderá contactar-me através de marisa8544@gmail.com

Autorizo

☐

Não autorizo

☐

Assinatura: _____

Anexo V

Quadro referente ao ambiente escolar

Categorias	Subcategorias	Fontes	Referências
Gosto pela escola	Gosta	6	6
	Não gosta	2	2
	Ambivalência	4	4
Gosto em estar na escola	Ambivalência	3	3
	Gosta de estar	7	7
	Não gosta de estar na escola	1	1
	Apenas gosta de estar nos recreios	1	1

Anexo VI

Quadro referente ao ambiente familiar

Categorias	Subcategorias	Fonte	Referências
Actividades em família	Faz actividades	12	12
	Actividades são agradáveis	11	11
	Gosta da actividade dependendo da actividade e do familiar	1	1
Familiares considerados como amigos	Família superior aos amigos	1	1
	Familiares considerados amigos	10	10
	Apenas alguns são considerados família	1	1

Anexo VI

Transcrição das Entrevistas

F1

Gostava que começassem por te apresentar, que falasses da tua Personalidade.

Opa a sério? Não sei o que hei-de dizer é muito difícil. Tenho defeitos e não consigo dizer.

O que gostas de fazer nos teus tempos livres?

Ler, fazer jogos no computador.

Tens alguma actividade?

Tenho conservatório de piano, teatro e equitação.

Gostas da escola e de estar na escola?

Gosto, menos no recreio! É muito irritante, então as pessoas são um bocadinho totós, e depois são irritantes, então não pudemos estar a falar com um rapaz que alguém empurra a nossa cabeça e começa a dizer “beija, beija”. É muito irritante.

Não conseguem perceber que um menino e uma menina podem ser amigos?

Sim, isso é duplamente irritante. Dou-me mais com meninos porque eles são menos irritantes. Existe uma miúda lá na escola, que ela não nos pára de irritar mas não sei o que se passa com ela, diz-nos que lhe damos razões para ela se suicidar, porque é fanática pela religião dela, a religião dela é estranha. Ela acha que eu sou a melhor amiga dela porque eu sou a única que fala com ela. Eu falo com ela porque sei que foi a madrinha dela que a pôs naquela religião.

E nos recreios, o que fazes?

Brinco com alguns, mas às vezes eu falo em jogos e eles dizem “ah que seca!” mas não é seca, porque eu fazia no teatro e era giro.

E quando não gostas dos jogos, não brincas com eles?

Não, porque eu não gosto nada de jogar aos jogos deles, porque é assim: “cada jogo dura para ai 10 minutos, e depois a meio do jogo começam a discutir e depois demoram muito para voltar a jogar”.

Preferes estar sozinha nos recreios do que no meio dessas confusões?

Na maioria dos intervalos, sem ser no grande estou com as professoras, as vezes até perguntam se estou de castigo. Elas são muito melhores amigas.

Tens amigos na escola?

Não, já tive, mas agora não. Quanto mudei de escola deixei de ter amigas, mas continuo a ser amiga da minha melhor amiga da escola, e consigo vê-la todos os fins-de-semana. E tenho outra amiga que anda comigo na equitação e partilhamos uma hora no conservatório. Houve muita gente do meu antigo colégio que saíram do colégio e agora encontrei-os nesta nova escola, foi bom porque são meus amigos.

Para ti existe diferença entre um colega e um amigo?

Há, muita diferença. Os colegas podem ser irritantes, nos amigos nós podemos confiar neles e saber que nunca nos vão fazer mal.

Os colegas podem fazer mal? Já fizeram-te?

Sim, muito, os colegas dizem mentiras sobre nós. Aquela miúda de abocado, eu sei que ela tem problemas por causa da religião, mas ela já me fez muito mal. E quando ela é má para mim eu vou ter com a minha professora da primária e é com ela que eu desabafo.

Tens mais colegas ou mais amigos?

Colegas, de certeza absoluta. Tenho 17 colegas e 4 amigas todas fora da escola.

Para ti é fácil ou difícil fazer amigos?

É quase impossível fazer amigos. É mesmo muito raro, muito difícil, porque eu quando era mais nova pensava que tinha um amigo, mas houve uma vez que ele foi muito mau, tornou-se muito mau, faz coisas mas como: nunca me convida para as festas de aniversário dele, e magoa-me. Quando entrei na infantil eu achava que eram todos meus amigos, mas depois eu comecei a perceber que não eram, porque batiam-nos e diziam asneiras.

Como são os teus amigos?

Gostamos das mesmas coisas, são muito simpáticas, eu posso confiar sempre nelas, nunca me vão fazer nada de mal. Eu sei que se lhes contar um segredo elas não vão contar a ninguém.

Os teus amigos são mais velhos ou mais novos que tu?

São da mesma idade.

Preferes brincar sozinha ou com alguém?

Depende da brincadeira

O que brincam?

Contar coisas e histórias.

O que gostas de fazer é mesmo o que gostavas?

Sim.

E com a tua família?

Também gosto, mas é conforme,

A tua família, são teus amigos?

Os familiares são mais do que amigos, é diferente.

O que é a amizade para ti?

É quando pudemos confiar nos outros.

Os teus amigos são bons?

Sim.

E como seria um amigo ideal?

Como as minhas amigas, mas sem nos chatearmos, as vezes chateamo-nos mas é pouco.

F2

Gostava que te apresentasses e disseses algumas das tuas características da tua personalidade

A única característica que eu sei é que tenho é ser dorminhoca, eu sou um castigo para adormecer porque demoro muito tempo, mas também quando adormeço também levo muito tempo para acordar.

Olha e assim qualidades que tenhas?

A mãe diz que eu tenho uma qualidade boa para desenhar, e eu escrevo histórias, a avó diz que eu tenho bom gosto, a R diz que eu sei as musicas todas.

Quem é a R.?

É a minha irmã

Olha e um defeito?

(pensativa). Quando alguém me acorda, quando estou a dormir profundamente eu fico muitíssima rabugenta. Não me queira ver rabugenta quando eu acordo, fico de mau-humor o dia todo. A culpa é da minha irmã porque tem pesadelos e depois faz xixi na cama e é um desastre porque ela depois vai toda molhada para a minha cama.

O que gostas de fazer nos teus tempos livres?

Desenhar.

E tens alguma actividade fora da escola?

Tenho o ballet, e ginástica também é fora da escola, porque a minha escola é muito pequenina, tem duas salas, duas casas de banho, um hall de entrada e uma arrecadação e mais nada. E nós só somos 3 e utilizamos só uma sala.

Então não tens muitos colegas?

Não, do meu ano somos só dois. Bom, entraram agora para lá duas chinesas, a Y. e a U., Y. tem 10 e a U. tem 8. É assim, a U. está no segundo ano e tem 10 anos, e ela trabalha muito, ela já acabou o livro do segundo ano para ir para o terceiro, esta a aprender a ler melhor, a distinguir melhor as letras, assim estas coisas. Agora a U. está muito atrasada, ainda está no 1º ano. Eu tenho um colega, que é o mais velho da turma, tem 9 anos e está no primeiro ano, chumba sempre ele não trabalha nada, está o dia todo parado, não vai aos intervalos, porque está na sala a descansar o dia todo não precisa de ir aos intervalos, o que quer que a gente faça, ele não trabalha nada. Houve um dia que a professora passou-se com ele, porque teve um dia todo a fazer um exercício que era

fazer 3 frases que rimassem. Depois no outro dia trabalhou afincadamente porque senão ficava 3 semanas sem ir ao intervalo.

E gostas da escola?

Sim.

E de estar na escola?

Também, porque é giro aprender coisas novas.

Como é que são os teus recreios?

Os meus recreios são pouco tempo, são 20 minutos, praticamente 20 minutos.

E o que fazes nos recreios?

Umás vezes jogo à bola, outras à apanhada, outras vezes quando a T. que é a minha auxiliar, nos deixa ir para a relva, porque nós temos relva na nossa escola, nós jogamos ao tubarão (explica o jogo).

E tens amigos na escola?

Tenho.

E fora da escola?

Também, tenho muitos.

Para ti qual a diferença entre um colega e um amigo?

Não à diferença, são todos amigos ao mesmo nível e eu gosto de todos ao mesmo nível. Eu só gosto um bocadinho mais das pessoas que são de família, mas só porque são família.

Então não tens mais colegas ou amigos, porque são todos o mesmo número?

É.

E para ti é fácil ou difícil fazer amigos?

Não é difícil, mas as vezes quando conheço pessoas tímidas é um bocadinho difícil, mas eu sei exactamente como fazer amizade com elas e também que elas façam com outras pessoas, é fácil.

Ai é? Como é que fazes?

Eu pergunto-lhe porquê que ela é tímida, ela responde e eu depois digo-lhe como é que ela pode deixar de ser tímida: tentar conhecer mais pessoas quando se sente sozinha, e pergunto se ela tem amigos na escola e se ela diz que não digo-lhe que ela tem de tentar ter mais amigos na escola para poder brincar.

Assim tu estás a ajudar uma amiga e a ajudá-las a ter mais amigas. Ter amigas é importante?

É.

E como é que são os teus amigos? Consegues descreve-los?

Sim. São bons, outros são um bocado “trololós”, outros são um bocado brutos às vezes, o irmão da minha melhor amiga, a M., ela anda comigo no ballet, e para o ano vou encontrar-me com ela, e ela tem um irmão mais novo o B., que tem 5 anos, e ele é um bocado tonto, um bocado tontinho, porque ele uma vez, nós íamos dormir a casa deles, e eles tem uma piscina em casa dos avós deles, e à uma parte muito funda e uma baixinha, e a minha irmã ainda usava braçadeiras, e a minha irmã mordeu uma braçadeira, e abraçadeira deixou de ter ar, nada a fazer, porque ela adora morder coisas, acha que é super interessante, por isso é que ela tem os dentes todos gastos. Ela morde tudo o que vê, as vezes até a mim me morde.

Deve ter feito doer?

Atão pois fez, até fez sangue e tudo. Ela é uma terrorista que nós temos lá pela casa.

E como são os teus amigos? Mais velhos ou mais novos que tu?

Maioria dos meus amigos da escola, são mais velhos que eu, mas fora da escola são todos praticamente da mesma idade que eu.

E preferes brincar sozinha ou com alguém?

Prefiro brincar com alguém, mas quando estou chateada prefiro ficar sozinha, para as pessoas não levarem com o meu mau-humor em cima.

Ah isso é muito responsável.

Sim é por isso que eu às vezes levo brinquedos para a escola.

Levas brinquedos para a escola?

Sim, os meus elásticos. Eu tenho uma amiga que é a U., a chinesa, ela tem uma loja cá em Portugal, e ela vive lá na loja, em Alcanena, e eu fui lá comprar elásticos a ela, e depois nós levamos para a escola, ela leva os elásticos dela e eu levo os meus, fazemos pulseiras, e depois se ela gostar de alguma pulseira minha eu dou-lha, se eu gostar de alguma pulseira dela, ela dá-me.

O que costumais fazer com os teus amigos?

Costumamos brincar, e as vezes elas ensinam-me a falar chinês.

O que fazes com eles é aquilo que gostas? Ou às vezes gostavas de fazer coisas que elas não gostam?

Eu gosto, elas são boas amigas.

E com a tua família? Gostas de fazer actividades?

Sim.

Achas que as pessoas da tua família também são teus amigos?

Sim. Eu gosto de fazer geocoching, é ir encontrar caixinhas com coisas dentro. Nós temos o mapa no telemóvel do meu pai, depois vamos ver, por exemplo na Goucharia, que é onde eu moro, vemos e depois vemos que existe um ao pé do rossio, outro no parque desportivo. Goucharia nem é uma aldeia, é um lugar, eu estive lá a ver o mapa do meu pai e diz que à um ao pé da capela, outro mesmo dentro da capela, no rossio que é assim tipo uma rotunda e depois tem uns bancos e flores com tectos para descontrair, é muito bom ir lá brincar no verão (explica a brincadeira).

Com quem gostas de fazer actividades na tua família?

Gosto muito de fazer com a minha C. e I.. A C. é a mais velha, é 5 anos mais velha do que eu e tem 12 anos. E a Inês que tem 5 anos, e nós fazemos muitas brincadeiras juntas. Brincamos à maternidade eu levo bebés da minha casa, porque tenho muitos, a I. e a C. vão buscar bebés para elas ao sótão mais a R. Eu trago sempre o meu bebé, trago sempre a Rosita, que foi um BoByBorn que ela me deu, que é um bebé que a gente dá o biberon e depois passado algum tempo vamos pô-lo a fazer xixi e sai a água, e ela trazia uma fralda mas a R. esquartejo-a, mas ela felizmente trazia uma cueca, quando víamos que a cueca estava a ficar molhada tínhamos que ir a correr para sanita, porque se ela fizesse xixi no chão, aquilo ficava tudo cheio de água.

O que é para ti a amizade?

A amizade é quando fazemos amigos. A amizade é estarmos todos em harmonia, todos juntos e sermos amigos. E estar juntos dessas pessoas para pudermos ficar cada vez mais amigos dela e para ganharmos a confiança dela.

A confiança é importante na amizade?

Sim, porque senão tivermos a confiança dessa pessoa ela pode deixar de ser nossa amiga.

Então para a amizade durar, os amigos tem de confiar um no outro?

Sim, eu confio muito na minha irmã porque somos muito amigas. Confio muito na M., porque quando ela tem algum problema vem dizer-me a mim e eu ajudo a resolver o problema dela e quando eu tenho um problema digo-lhe a ela e ela ajuda-me a resolver o problema.

O que seria para ti um bom amigo?

Um bom amigo é como a M. é, confiante e que nos ajuda a resolver os problemas em que temos dificuldades, e que gosta de brincar connosco e que nos inclui nas brincadeiras quando nós queremos brincar com elas.

A M. é mais velha que tu?

Não, somos as duas da mesma idade, só temos 7 dias de diferença.

E um amigo ideal? Como seria?

Diria que era também como a M., a I. e a C. são as amigas ideais.

Tens mais alguma coisa que queiras falar sobre a amizade?

Sim, quero dizer que na escola os dois meninos do meu ano, o T. e o F. eles são os dois mais velhos do que eu, mas andamos os dois no 3^a ano, porque eu entrei para a escola com 5 anos, mas também existe lá outro menino que entrou com 5 anos, mas ele está no segundo ano e está na altura certa porque ele chumbou, agora eu não, ou seja, agora tenho 7 e estou no terceiro, ele tem 7 e está no segundo, ou seja, ele já está bem na linha eu estou no terceiro estou mais para aqui (faz sinal com a mão indicado o desvio numa linha recta) da linha, e então ele faz muitas birras, a professora fica maluca com ele. E os meus dois amigos o T. e o F., nós somos muito amigos, e a minha mãe disse que os amigos da primária duravam para sempre, e eu acho que isso vai acontecer com nós os três, porque? Porque nós no intervalo brincamos quase sempre juntos ou ao futebol ou ao “apanha-me” e aos Zoombies (exemplifica os jogos).

E então achas que eles vão ser tao amigos para sempre? Mais que a M.?

Não, não existe ninguém mais meu amigo que a M., fora da família.

Queres dizer mais alguma coisa?

Não

Então Obrigado!

F3

Gostava que te apresentasses, pensei que poderias dizer algumas das tuas características para eu te conhecer melhor.

Não sei. Sou uma pessoa, não sei.

O que gostas de fazer nos teus tempos livres?

Não sei. Gosto de brincar. Gosto de brincar no escorrega.

Tens alguma actividade?

Toco violino e piano, e ando na natação.

Gostas da escola?

Mais ou menos, às vezes é chato lá estar, porque estamos um dia inteiro só para fazer um exercício de uma ficha.

E de estar na escola?

Às vezes é giro estar nos recreios, mas quando não pudemos ir para a rua é uma seca, e estar na sala de aula também.

Como são os recreios?

São giros, costumo andar de escorrega, brincamos com máscaras no recreio.

Tens amigos na escola?

Sim, alguns. Eu sou amiga de todos, mas não é muito muito amiga, só quer dizer que não detesto aquela pessoa. Mas depois tenho outros que são mesmo meus amigos.

E fora da escola?

Tenho muitos.

Para ti existe diferença entre um colega e um amigo?

Claro é logico. Um colega eu às vezes eu brinco, e com um amigo estou sempre a brincar.

Tens mais colegas ou amigos?

Tenho mais colegas na escola. Fora da escola tenho mais amigos.

Para ti é fácil ou difícil fazer amigos?

É um bocadinho difícil. Porque antes fazer um amigo era só chegar ao pé dos outros e perguntar se queriam ser nossos amigos, e agora não é assim. Agora não tem só que brincar connosco, tem que gostar de nós.

Como são os teus amigos?

São meus amigos, não sei bem dizer. São simpáticos, mas às vezes ficam zangados comigo, mas não sei porque dizem que eu não gosto de fazer sempre o que eles gostam e depois acham que já não sou amiga deles.

São mais velhos ou mais novos que tu?

Tenho amigos mais novos e da mesma idade que eu.

Preferes brincar sozinho ou com alguém?

Prefiro brincar com alguém.

O que costumavas fazer com eles?

Brincamos, jogamos playsatation ou Wii, ou vemos televisão, ou brincamos no escorrega e fazemos coisas parvas.

É o que gostas de fazer? Ou gostavas de fazer outras actividades e brincadeiras?

Às vezes fazemos coisas muito giras e divertidas, mas às vezes eles fazem jogos parvos que eu não gosto, e depois senão quero brincar com eles ficam chateados.

Quando eles fazem as brincadeiras chatas fazes?

Não vou-me embora.

E com a tua família, gostas de fazer actividades com eles?

Sim.

Com quem?

Com a mãe, com a C., com a avó.

Consideras que alguns familiares também são teus amigos?

Sim.

O que é para ti a amizade?

É ser amigo das outras pessoas e meu amigo.

O que seria para ti, um bom amigo?

É um amigo que faz as coisas que eu escrevi nos questionários.

E um amigo ideal, como seria?

São os amigos, que me deixam brincar com eles, me emprestam as coisas, que vão ter comigo, que sejam honestos, que pensam coisas boas de mim.

Tens algum amigo que seja assim?

Não sei.

Tens mais alguma coisa a dizer sobre o tema?

Sempre foi difícil fazer amigos, quando estou com pessoas que vejo poucas vezes, consigo brincar com elas mas não são meus amigos.

M1

Gostava que te apresentasses, pensei que poderias dizer algumas das tuas características para eu te conhecer melhor.

Sou o M., tenho 9 anos. Sou simpático, alegre, às vezes mal-humorado, sou divertido.

O que gostas de fazer nos teus tempos livres?

Gosto de brincar, ler, ver televisão.

Tens alguma actividade?

Não.

Gostas da escola?

Mais ou menos. É complicado, não sei muito bem.

E de estar na escola?

Às vezes, porque há coisas que fazemos que eu não gosto.

Como são os recreios?

São bons.

Tens amigos na escola?

Tenho.

E fora da escola?

Tenho vários.

Para ti existe diferença entre um colega e um amigo?

Sim, um amigo é alguém que está perto de nós e conhecemos muito bem, um colega é alguém que não é muito próximo. Um amigo passa mais tempo connosco do que um colega.

Tens mais colegas ou amigos?

Tenho mais colegas.

Para ti é fácil ou difícil fazer amigos?

Difícil, porque é difícil encontrar uma pessoa e dizer-lhe para ela ser minha amiga. Se a conhecer há mais tempo é mais fácil. Mas também podemos ser amigos sem termos que dizer que somos.

Como são os teus amigos?

Bons, às vezes maus, simpáticos, são razoáveis.

São mais velhos ou mais novos que tu?

São um bocadinho mais velhos. Mas também tenho amigos mais novos.

Preferes brincar sozinho ou com alguém?

Prefiro brincar com alguém, porque é melhor.

O que costumavas fazer com eles?

Brincar em coisas que pensamos. Gosto de imaginar coisas e os meus amigos nem sempre gostam.

É o que gostas de fazer? Ou gostavas de fazer outras actividades e brincadeiras?

Às vezes continuo a brincar com eles mas às vezes vou-me embora.

E com a tua família, gostas de fazer actividades com eles?

Sim.

Com quem?

Com os meus pais, primos, irmão.

Consideras que alguns familiares também são teus amigos?

Sim, o meu pai, tio, primos e avós são meus amigos. Acho que não há ninguém que não seja meu amigo na minha família.

O que é para ti a amizade?

É mais ou menos um tesouro, é algo valioso, porque senão tivéssemos amizade não podíamos ter amigos. Existem outros valores dentro da amizade como: a solidariedade, simpatia e mais coisas que não sei muito bem.

O que seria para ti, um bom amigo?

Para mim um bom amigo, seria um amigo que não precisasse de ser popular, que não precisasse de fazer as mesmas coisas que eu, desde que fosse meu amigo.

E um amigo ideal, como seria?

Uma pessoa que não nos magoasse, nem magoasse outras pessoas, me defendia, desse opiniões, que empreste coisas, que não precisa de ser um amigo que todos querem, tem que ser apenas um amigo bom.

Tens algum amigo que seja assim?

Tenho, mas não sei muito bem descreve-lo.

Tens mais alguma coisa a dizer sobre o tema?

Acho que se todos fossem amigos ideais o mundo seria muito melhor. Tenho um amigo que é muito popular, e vários que não são bons, nem são bem meus amigos. Eu fui um bocadinho popular porque ganhei um concurso na escola, mas isso não é importante. Todos devem de ter amigos e ter muita amizade para serem felizes. As pessoas que não têm amigos, são pessoas tristes, que não são felizes, não têm ajuda. Sem amigos na vida não é muito bom. O importante é ter amigos que gostem de mim verdadeiramente, não

como aqueles que são populares e depois só tem amigos porque os outros também querem ser populares e isso não é amigos.

M2

Gostava que começassem por te apresentar, e dizeres algumas das tuas características.

Sou o G., tenho 6 anos, gosto de jogar playstation, e ver alguns filmes que agora saem muito. No outro sábado fui ao cinema, ver um filme de matraquilhos e para o próximo sábado vou ao cinema. Eu tenho um amigo que diz que eu sou a única pessoa que nunca o chateou nem bateu. Eu tenho um amigo que às vezes não parece é esquisito, às vezes diz que vai brincar comigo e depois não vai.

O que fazes nos teus tempos livres?

Brincar com o meu melhor amigo que já conheço desde os três anos.

Tens alguma actividade?

Tenho karaté e natação.

Gostas da escola?

Sim.

E de estar na escola?

Também, porque lá podemos ler livros.

Como são os recreios?

São bons, alguns maiores que outros.

E o que fazes na escola?

Brincamos e no intervalo maior podemos ir ver filmes à Ludo-biblioteca.

Tens amigos na escola?

Tenho.

E fora da escola?

Tinha um que agora já não vejo há muito tempo. Que chama-se J. e ele antes de entrar na pré, brincava com ele no parque e com o H. o meu melhor amigo. Mas ele agora desapareceu, não sei onde é que ele está agora. Ele continua a ser meu amigo, mas talvez esteja noutra escola, eu não o vejo desde os 5 anos.

Existe diferença entre um colega e um amigo?

Não sei. Um colega é um miúdo que anda na escola, e um amigo é um amigo dessa pessoa.

Tens mais colegas ou mais amigos?

São todos amigos. Mas há uns que não são, à 14 que são meus amigos e 11 que não são.

Para ti é fácil ou difícil fazer amigos?

É fácil porque quando entrei na pré andei com um amigo que é o P. H., olhou para mim e disse “*queres ser meu amigo*”, logo no início da pré.

Mas achas que ser amigo é só isso?

Não, também é ajudar.

E como são os teus amigos?

O N. é da terapia da fala, o J. que agora já não vejo desde os 5 anos era maluco, eu ainda me lembro, eu ainda me lembro de por o boné ao contrário e tapar os olhos. Um amigo da pré que é o G., e ele é esquisito, porque um dia chegou ao pé do meu pai e disse “ai que nome tao feio, ferronha”. E depois tenho outro amigo que é o P. que usa óculos e esta sempre a repetir na escola a comida e diz que o peixe é cão. E tenho uma amiga, que é “maria rapaz”.

Os teus amigos são mais velhos ou mais novos que tu?

Há uns mais velhos e outros mais novos. O meu melhor amigo é mais novo que faz em Outubro e eu faço em Setembro. Tenho um amigo, que é o G., que é pequenino, também faz primeiro mas é mais novo (2007). O P. H. é mais velho, tem 7. O P. é pequenino e esquisito tem 7, e o M. também. Só 3 são mais novos.

Gostas de brincar com os mais novos ou mais velhos?

Com todos.

Preferes brincar sozinho ou com alguém?

Com alguém.

O que costumavas fazer quando brincas com os teus amigos?

Muitas coisas, que nem me lembro, só me lembro de uma que é brincar às “estátuas”.

O que gostas de fazer com eles? O que fazes com eles é o que gostas ou gostavas de fazer outras coisas?

As brincadeiras deles são todas giras, porque eles fazem piadas e quando eles dizem que é uma brincadeira nova parece logo que é gira, porque eles nunca perderam a graça.

E com a tua família, gostas de fazer actividades?

Sim.

Com quem?

Com o pai e a mãe.

O que gostas de fazer com eles?

Ontem à noite, jogamos um jogo de cartas que era para fazer palavras. E anteontem o meu pai, trabalha em fazer programas, e eu encontrei um programa que ele não conseguiu encontrar.

Consideras que os teus familiares também são teus amigos?

Sim.

O que é para ti a amizade?

Há muitas maneiras de explicar não sei. É brincar todos os dias com a mesma pessoa e às vezes brincar com outras pessoas.

O que seria para ti um bom amigo?

Isso já não sei.

E um amigo perfeito, como seria?

Um dia fiquei presa com a cabeça de lado e o meu amigo H puxou e eu fiquei sentada. Ajudou-me.

E amigos, assim tens?

O H. e o P. H

Tens mais alguma coisa que querias contar? Alguma altura que era difícil fazer amigos?

Quando eu tinha 3 anos, antes de conhecer o H., e foi difícil porque eu disse-lhe olá e ele continuava a brincar. E depois passado uns dias foi ter comigo porque não tinha mais ninguém para brincar.

Obrigado!

M3

Gostava que te apresentasses, pensei que poderias dizer algumas das tuas características para eu te conhecer melhor.

Sou o J. G., tenho 10 anos e saltei um ano a frente, não fiz o terceiro ano. Às vezes sou vaidoso, sou inteligente, sempre tive uma dificuldade a partir do 4º ano de os meus colegas da turma terem dificuldade em me aceitar porque eu sou mais novo que eles. Tenho muito jeito para representar, e sou desenrascado. Não gosto que gozem comigo e quando fazem respondo o que me tira a razão.

O que gostas de fazer nos teus tempos livres?

Gosto de jogar Nintendo, futebol, estudo, nos recreios da escola jogo com os meus amigos.

Tens alguma actividade?

Tenho imensos, a semana toda ocupada. Tenho Karaté, teatro, natação, catequese, ANEIS e os escuteiros.

Gostas da escola?

Mais ou menos, antes gostava mais, porque antes de saltar o ano sabia tudo e era mais fácil.

E de estar na escola?

Gosto!

Como são os recreios?

Jogo com os meus amigos.

Tens amigos na escola?

Tenho.

E fora da escola?

Tenho, os meus melhores amigos fora da escola são o JA e JM, aqui da ANEIS. Porque eu gosto dos mais velhos, eu habituo-me melhor aos mais velhos.

Para ti existe diferença entre um colega e um amigo?

Existe. O colega não precisa de ser nosso amigo, só cumprimentamos e somos simpáticos quando o vemos. Um amigo é uma pessoa que nos dá atenção, é honesta, nos aponta o dedo quando é preciso, nos ajuda.

Tens mais colegas ou amigos?

Tenho mais amigos do que colegas.

Para ti é fácil ou difícil fazer amigos?

É difícil porque arranjar um amigo verdadeiro é difícil, porque às vezes chateamo-nos mas é porque queremos o melhor para a outra pessoa.

Como são os teus amigos?

Todos os meus amigos gostam de jogar, mas jogos físicos. São simpáticos comigo.

São mais velhos ou mais novos que tu?

Na maioria são mais velhos que eu.

Preferes brincar sozinho ou com alguém?

Eu prefiro estar acompanhado, mas também depende das pessoas com quem estou, porque se tiver coisas que eu não aprecio prefiro estar sozinho.

O que costumavas fazer com eles?

Jogar basquetebol e outros jogos.

É o que gostas de fazer? Ou gostavas de fazer outras actividades e brincadeiras?

As vezes não é isso que eu queria fazer, mas depois entusiasmo-me, mas não é o que eu queria mesmo jogar.

Quando era difícil teres amigos, alguma vez jogas-te jogos para te aproximares?

Sim, foi assim que eu comecei a jogar basquetebol. Mas senti-me bem com isso.

E com a tua família, gostas de fazer actividades com eles?

Gosto.

Com quem?

Com os meus avós, mãe e com o meu pai.

Consideras que alguns familiares também são teus amigos?

Sim, todos.

O que é para ti a amizade?

Para mim a amizade, é um sentimento que sentimos por outra pessoa que nos ajuda, que nos é fiel, não mente, é sincera. Que às vezes, nem sempre, brinca connosco, sempre pronto para ajudar, que nos defende quando é possível.

O que seria para ti, um bom amigo?

Um bom amigo é aquele que tem todas as qualidades que enumerei antes.

E um amigo ideal, como seria?

Não existe ninguém perfeito.

Tens algum amigo que seja assim?

Tenho, corresponde à maioria das coisas que disse.

Tens mais alguma coisa a dizer sobre o tema?

Eu era posto de parte por ser mais novo que eles e eles sentirem que eram superiores a mim, por terem mais experiencia que eu e por isso pensam que podem gozar comigo.

M4

Gostava que te apresentasses, pensei que poderias dizer algumas das tuas características para eu te conhecer melhor.

Sou o J. S., tenho 12 anos, nasci em 2001. Sou inteligente, feliz.

O que gostas de fazer nos teus tempos livres?

Ficar em casa a jogar computador quando não tenho nada para fazer, ver ANIME.

Tens alguma actividade?

Kung fu e paintball.

Gostas da escola?

No geral não. É o sítio onde há mais incompetentes, tanto adultos como crianças.

E de estar na escola?

Não, para mim a escola é para aprender e mais nada. Aprendo na escola mas o método de estudo não é o melhor, porque os professores não sabem organizar nada.

Como são os recreios?

Nunca estou com os meus colegas, recuso-me a estar com crianças incompetentes e idiotas.

Tens amigos na escola?

Não.

E fora da escola?

Tenho, aqui na ANEIS.

Para ti existe diferença entre um colega e um amigo?

Há, é bastante diferente. Colegas é só para trabalhos e estar na aula, não servem para mais nada. Amigos são amigos, e eu tenho que saber a diferença. Amigos são aqueles íntimos para nós.

Tens mais colegas ou amigos?

Mais colegas que amigos.

Para ti é fácil ou difícil fazer amigos?

Difícil, porque não é em qualquer esquina que se encontra pessoas de jeito. É uma escolha consciente.

Como são os teus amigos?

Ainda não os conhecestes depois vais ver.

São mais velhos ou mais novos que tu?

São mais velhos, os da minha idade são demasiado imaturos.

Preferes brincar sozinho ou com alguém?

Depende, é porque eu tenho poucos amigos, e por isso já estou habituado a estar sozinho. Por isso prefiro brincar sozinho.

O que costumavas fazer com eles?

Falar ao telemóvel com as amigas do JA, agora vou com os meus amigos a um congresso da ANIME.

É o que gostas de fazer? Ou gostavas de fazer outras actividades e brincadeiras?

Sim. Mas na escola não, e fico sozinho à espera que toque. Não tenho amigos, nem quero, só há gente má nas escolas.

E com a tua família, gostas de fazer actividades com eles?

Sim, mas a minha mãe não tem tempo.

Com quem?

Com os meus avós, os meus primos, a minha mãe.

Consideras que alguns familiares também são teus amigos?

Sim.

O que é para ti a amizade?

Eu sei o que é realmente, mas não sei descreve-la e não quero tentar.

O que seria para ti, um bom amigo?

Eu já tenho bons amigos.

E um amigo ideal, como seria?

Seria simpático, pacifista, gosta de tudo o que gosto, mas isso não é necessário basta estar sempre ao meu lado. Isto é como o meu amigo J.A.

Tens algum amigo que seja assim?

Sim o J.A.

Tens mais alguma coisa a dizer sobre o tema?

Não.

M5

Gostava que te apresentasses, falasses sobre as tuas características?

Não sei.

O que gostas de fazer nos teus tempos livres?

Eu gosto de brincar com os carrinhos, ir para o computador, ver televisão e passear.

E actividades fora da escola?

Não.

Gostas da escola?

Sim

E de estar na escola?

Gosto, mas gostava de voltar para a infantil.

Como são os recreios?

Bons.

Tens amigos na escola?

Tenho.

E fora da escola?

Sim, mas só tenho os da ANEIS.

Para ti existe alguma diferença entre um colega e um amigo?

Não. Talvez os amigos são mais amigos do que os colegas.

Tens mais colegas ou mais amigos?

Mais colegas.

É difícil fazer amigos?

É, porque ninguém gosta de brincar comigo, só um amigo chamado L. é que brinca sempre comigo.

O que fazes com os teus amigos?

Brincamos a muitas coisas.

Como são os teus amigos?

Não sei.

São mais velhos ou mais novos?

São iguais a mim, tem 7 anos, só um é que é mais velho e nasceu em 2005.

Gostas de brincar com crianças mais velhas ou mais novas?

Iguais a mim, e também com mais novas.

O que costumas fazer com os teus amigos?

Brincar a muitas coisas, as vezes com carrinhos, futebol, outra vez a ténis.

O que fazes com eles é o que gostas de fazer?

Sim.

Fazes actividades com a tua família? E gostas?

Sim.

Com quem?

Com o pai, a mãe e a mana.

Consideras que os teus familiares são teus amigos?

Sim. O meu pai, mãe, mana, avó e avô. Eu tenho mais amigos na escola, mas gosto mais dos amigos da minha casa.

O que é para ti a amizade?

A amizade é alguém que gosta muito de uma pessoa, é só isso.

O que seria para ti um bom amigo?

Não consigo dizer.

E um amigo ideal?

Também não.

Pensando em todos os teus amigos, tens algum amigo que seja o ideal?

O L. e o M. são os meus dois melhores amigos, e os meus pais, avós e a minha mana.

Tens mais alguma coisa que queiras dizer sobre a amizade?

Não.

Obrigado!

M6

Gostava que te apresentasses, pensei que poderias dizer algumas das tuas características para eu te conhecer melhor.

Não gosto muito de acordar cedo, as vezes queria que fizessem tudo o que eu quero. Gosto de aprender coisas novas.

O que gostas de fazer nos teus tempos livres?

Brincar, às vezes ler livros e mais nada.

Tens alguma actividade?

Ando na catequese, no futebol e na banda de música da minha escola.

Gostas da escola?

Só de estar nos recreios. Porque eu gosto de aprender coisas novas, mas não estar sempre a repetir as mesmas coisas como a minha professora.

E de estar na escola?

Só nos recreios.

Como são os recreios?

Brinco com os meus amigos. Jogamos a jogos muito violentos, com mortos, sangue, zombies.

Tens amigos na escola?

Alguns, tenho uns 10 ou 11 amigos, são poucos, porque na minha escola são para ai 60 pessoas.

E fora da escola?

Tenho, aqui na ANEIS, tenho 3 ou 2 na catequese.

Para ti existe diferença entre um colega e um amigo?

Sim, um colega é uma pessoa que aprende as mesmas coisas que tu e um amigo é aquele que brinca contigo, as vezes quando tu choras eles também choram.

Tens mais colegas ou amigos?

Tenho mais colegas.

Para ti é fácil ou difícil fazer amigos?

É fácil, mas não é muito fácil, porque às vezes tu queres ser amigo de alguém e eles não querem. Quando não me aceitam eles é que perdem.

Como são os teus amigos?

Quando nos chateamos depois ficamos bem outra vez. São divertidos, gostam de aprender.

São mais velhos ou mais novos que tu?

Da mesma idade que eu e mais velhos.

Preferes brincar sozinho ou com alguém?

Prefiro brincar com alguém.

O que costumavas fazer com eles?

Com os adultos, jogo jogos de tabuleiro, com crianças brinco com os jogos como disse dos meus amigos, e outras vezes brinco sozinho.

É o que gostas de fazer? Ou gostavas de fazer outras actividades e brincadeiras?

Gosto de fazer o que eles brincam.

E com a tua família, gostas de fazer actividades com eles?

Gosto.

Com quem?

Com a minha mãe, com o meu pai, com a namorada do meu pai, e com os meus irmãos.

Consideras que alguns familiares também são teus amigos?

Sim, os meus irmãos, a minha mãe, o meu pai e a namorada.

O que é para ti a amizade?

Não sei, só sei o que é o amor, que é uma pessoa gostar da outra, ter amizade, estarem sempre juntos, gostar um do outro, namorarei mais de 10 anos. O amor faz parte da amizade, porque para sermos namorados temos que ser amigos. É importante ter amigos verdadeiros.

O que seria para ti, um bom amigo?

Uma pessoa que não fosse falsa. Não sei mais.

E um amigo ideal, como seria?

Não sei. Mas que me ajuda-se, que não seja racista, mais nada.

Tens algum amigo que seja assim?

Tenho 5 que considero perfeitos.

Tens mais alguma coisa a dizer sobre o tema?

Não.

Obrigado!

M7

Gostava que começassem por te apresentar. Dissesses algumas das tuas características.

E chamo-me T. tenho 12 anos, sou trapalhão. A minha personalidade, tento-me dar bem com as outras pessoas, mas há pessoas que não merecem e não sou capaz. Sou simpático e respeitador. Sou muito distraído e tenho mau feitio quando estou chateado.

O que costumavas fazer nos teus tempos livres?

Brincar com a minha irmã, estar com os meus amigos, jogar computador e basquetebol.

Tens alguma actividade?

Natação.

Gostas de estar na escola?

Gosto.

E gostas da escola?

Sim.

Como são os recreios?

São divertidos, o espaço é engraçado mas á algumas partes que estão estragadas. Eu passo bem o intervalo com os meus amigos.

Então tens amigos na escola?

Tenho.

E fora da escola?

Tenho! Tenho na ANEIS, na natação, também me dou bem com os amigos dos meus pais e da minha irmã.

Diz-me se para ti existe diferença entre um colega e um amigo?

Sim, um colega não pudemos escolher, faz parte do nosso trabalho ou turma, mas um amigo apoia-nos, respeita-nos, não é apenas um colega que está ao nosso lado por estar.

Tens mais colegas ou amigos?

Mais amigos.

Como são os teus amigos?

Considero-os simpáticos, respeitam-me quando eu não quero fazer alguma coisa, ajudam-me.

São mais velhos ou mais novos?

Na minha turma são da mesma idade, mas o resto são mais velhos.

Preferes brincar sozinho ou acompanhado?

Acompanhado.

O que costumavas fazer?

Costumamos ir jogar basquetebol no intervalo, também tiramos fotos para por no facebook, almoçamos juntos, partilhamos jogos.

O que fazes com os teus amigos é o que realmente gostavas de fazer?

É o que eu gosto de fazer, quando não gosto fico ao pé deles, vê-los brincar.

Gostas de fazer actividades com a tua família?

Sim, andar de bicicleta com o meu pai, jogar computador com a minha irmã, ver televisão com a minha mãe e ir ao parque com os meus avós.

E consideras que alguns familiares também são teus amigos?

Sim, a maioria os meus avós, os meus pais e a minha irmã.

O que é para ti a amizade?

É um sentimento que se sente por alguém de quem se gosta mesmo e que é partilhado por duas pessoas. Está presente a alegria, bem-estar e conforto.

E para ti é fácil ou difícil fazer amigos?

É fácil, até porque tento perceber as outras pessoas e tento ser amigo mesmo que sejam diferentes.

O que seria para ti um bom amigo?

Alguém que não nos julga, por defeitos nossos, que nos ajuda a melhorar e respeite as nossas vontades, e que esteja sempre ao nosso lado para nos apoiar quando precisamos.

E um amigo ideal?

Seria assim como o bom amigo.

E tens algum amigo que seja assim? Um bom amigo?

Sim tenho o meu melhor amigo, ele também é diferente é hiperactivo.

Alguma vez te sentiste diferente?

Sim quando era mais novo, na minha infância eu sentia-me diferente porque eu pensava de forma diferente dos meus amigos e as pessoas punham-me de parte na turma, e era difícil ter amigos. Aprendi com a minha infância e aprendi a fazer amigos, a não ser tão fechado. Nas aulas se a professora ensinava uma coisa e eu fazia mas de forma diferente ela punha-me de parte só por fazer as coisas de forma diferente. Mas depois quando soube que era sobredotado os professores começaram-me a aceitar melhor. Os meus amigos sabem que sou sobredotado mas aceitam também. Depois de saber foi mais fácil porque depois já sabia porquê que era diferente dos outros, agora já sei.

Em relação ao tema tens mais alguma coisa que queiras dizer?

Não.

M8

Gostava que começasses por te apresentar.

Eu sou o João e tenho 13 anos, sou muito nervoso, e não me dou muito bem com pessoas novas, fico nervoso.

O que gostas de fazer nos teus tempos livres?

Eu gosto de jogar playstation, jogar computador, ler, andar de bicicleta e nadar.

Tens alguma actividade?

Não.

Gostas da escola?

Tem dias, só gosto das sexta porque é antes do fim de semana, as disciplinas na maioria não tem interesse.

E de estar na escola?

Depende das aulas, só gosto da matemática.

E nos intervalos?

Também depende dos intervalos, só é interessante se está tudo de bom humor, se tiver alguém de mau humor fico a falar com o meu melhor amigo.

E tens amigos na escola?

Sim, 5 ou 6.

E fora da escola?

Sim, 4.

Para ti qual a diferença entre um amigo e colega?

Um amigo é alguém com quem eu posso falar, passar tempo e divertir-me; um colega é alguém com quem eu posso estar ao pé.

E tens mais colegas ou amigos?

Bastantes mais colegas do que amigos, porque a maioria não têm muito em comum comigo, mas na parte das raparigas tenho mais amigas do que colegas, porque posso falar mais abertamente com elas.

E fácil ou difícil fazer amigos?

É relativamente fácil mas depende da pessoa.

Como são os teus amigos?

São simpáticos, brincalhões, extrovertidos.

Preferes fazer actividades sozinho ou com alguém?

Prefiro sozinho, mas também depende do que estou a fazer, por exemplo se tiver a jogar já quero companhia.

Os teus amigos são mais velhos ou mais novos que tu?

É equilibrado, a maioria ou é mais nova ou mais velha.

O que costumavas fazer com os teus amigos? É o que realmente gostavas de fazer?

Como eu realmente só me dou com as pessoas que gosto, normalmente só faço actividades que realmente gosto.

O que costumavas fazer?

As vezes estão na minha casa e costumamos jogar playstation e estudar um bocado.

E com a tua família, gostas de fazer actividades com eles?

Depende da actividade e da parte da família.

O que fazem?

Almoços, jantares.

Consideras que os teus familiares são teus amigos?

Depende, nem todos. Considero dois tios, um primo e a minha irmã que considero meus amigos.

Gostava que me explicasses o que é a amizade para ti?

É quando estou com outra pessoa, falar do que eu quero, e puder ser eu próprio, mas eu na minha amizade não preciso de muita confiança porque prefiro fazer as minhas coisas e não pedir ajuda. Mas normalmente tenho confiança nos meus amigos.

O que é um bom amigo?

Sempre que preciso de falar, falamos, não temos segredos e sempre que estamos chateados falamos, e partilhamos as coisas.

E um amigo ideal como seria?

Seria uma mistura dos meus amigos, ficando com as qualidades e tirasse os defeitos.

Não tens nenhum amigo que seja quase perfeito?

Não.

Queres dizer-me mais alguma coisa sobre a amizade?

Era difícil fazer amigos, porque os outros não tem os mesmo interesses que eu, e era difícil. Acho que os nossos amigos nos devem defender sempre, e que apesar disso nós nem sempre somos correctos mas eles deveriam de protegernos sempre.

Obrigado!

M9

Gostava que te apresentasses e disseses algumas das tuas características.

Não sei.

Assim, qualidades, defeitos.

Sou um bocado tímido, fico nervoso com algumas coisas e não me lembro de mais nada.

O que gostas de fazer nos teus tempos livres?

Jogar computador, ver televisão, brincar com o meu irmão.

E tens alguma actividade?

Ando no conservatório (teatro), Judo e Tiro com arco.

Gostas da escola?

Sim.

E de estar na escola?

Gosto.

Como são os intervalos?

São com os amigos a conversar.

Tens amigos na escola?

Tenho.

E fora da escola?

Sim.

É fácil fazer amigos?

Sim, é.

Para ti existe diferença entre um colega e um amigo?

Sim. Um colega é uma pessoa que por exemplo anda só na escola connosco, um amigo é uma pessoa com quem nós simpatizamos.

Tens mais colegas ou amigos?

Tenho mais colegas.

Para ti é fácil ou difícil fazer realmente amigos?

É fácil, depende do sítio, agora tem sido, mas na minha escola do 5º e 6º ano não foi, porque não gostava dos colegas. Eram chatos e burros, não sabiam ler relógios de ponteiros por exemplo, lembro-me que mais de metade da turma só no final do ano perceberam que ao dizer o verbo *To be*, estavam a dizer o pronomes pessoais. Eram chatos e passam os intervalos a jogar futebol.

Como é que são os teus amigos?

Os meus amigos em geral gostam de futebol.

Os teus amigos são mais velhos ou mais novos que tu?

São mais velhos.

Preferes actividades sozinho ou com amigos?

Os dois, um bocado de cada um.

O que gostas de fazer?

Com os meus amigos conversamos, sozinho é mais jogar computador, ver televisão.

O que fazes com os teus amigos na escola, é o que realmente gostas, ou às vezes gostavas de fazer outras coisa?

É o que gosto. Quando não gosto não faço, vou fazer outra coisa qualquer.

E com a tua família? Gostas de fazer actividades com eles?

Sim, com o meu irmão (não muitas porque ele é chato), com o meu irmão mais velho.

E consideras que eles são teus amigos?

Sim.

O que gostas de fazer com eles?

Com o irmão mais velho gosto de fazer carros com legos telecomandados, e com o G. (8 anos) não sei depende do que ele quer fazer, se bem que às vezes prefiro estar sozinho porque ele está a chatear-me e a fazer birras.

O que é para ti a amizade?

A amizade é o que nós temos por uma pessoa em quem podemos confiar, e que nos ajuda e nós a ela.

E para ti o que seria um bom amigo?

É uma pessoa em quem podemos confiar e nos ajuda.

E um amigo ideal?

Não sei, talvez uma pessoa que goste das mesmas coisas que eu e que tem mais ou menos as mesmas opiniões, mas é mais ou menos, só algumas tem de ser iguais. Ter opiniões diferentes às vezes também é bom, porque podemos estar errados em algumas coisas e eles podem nos chamar a atenção a isso.

Tens algum amigo que seja assim?

Tenho, da primeira escola em que andei, do 1ºano ao 4º.

Tens mais alguma coisa que queiras falar sobre a amizade?

Não.

Então obrigado!